PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

GABRIEL VIEIRA CANDIDO

A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EM GRUPOS DE PESQUISA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

SÃO PAULO

2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

GABRIEL VIEIRA CANDIDO

A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EM GRUPOS DE PESQUISA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob orientação da Profa. Maria do Carmo Guedes.

Projeto Financiado pela FAPESP

SÃO PAULO
2007

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocópia ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e data: _____

Agradecimento

Quero agradecer o apoio que meus pais sempre me deram e a compreensão pela minha ausência nesses dois anos. Meus irmãos, Vitor e Leandro (sem este algumas figuras deste trabalho não sairiam) pela amizade e Tia Rosa pelo carinho.

Ao sair de Valadares e chegar nesta nova cidade, duas pessoas foram importantes para que eu pudesse me sentir mais em casa, mesmo sem conhecer nada da grande cidade em que acabara de me mudar. Dalton e Paula trouxeram para São Paulo um pouco da terra mineira.

Algumas pessoas se tornaram peças fundamentais para o meu crescimento. Camila, Julia e Rodrigo me receberam tão bem e se tornaram grandes amigos. Os três, junto com Angelo, Clarissa, Mateus, Thais, Roberta, Mariana, Evelyn, Daniel, João, Denigés, Ana Fonai, Natália, Mônica, Andréia, me mostraram, de formas diferentes, como ser bom (amigo, pesquisador, parceiro, psicólogo...). Sou grato a cada um que, de sua maneira, se fez presente neste trabalho.

Aos "parasitas" (com e sem fotos) Dumas, Bruno, Cláudia, Mariana, Mariana, Virgínia, e ao Luis (recém chegado). Sem suas idas e vindas, tudo seria mais chato. Agradeço à Dhayana, também, pela companhia.

Agradeço à Maria do Carmo pela confiança, pela prontidão e doçura com que me atendia todas as vezes em que recorri a ela e pelo cuidado com que leu cada linha que escrevi.

Agradeço aos professores Sérgio Cirino e João Bosco, por terem aceitado o convite de ler e argüir um trabalho com tema tão inesperado.

Sou grato, ainda, a todos os professores do Programa, pelo prazer e a qualidade com que conduzem as atividades que desenvolvem. Foi um enorme prazer conviver com vocês durante esses dois anos e espero que este tempo possa se prolongar.

Dinalva, Conceição, Neuza e Maurício por conduzirem o laboratório de forma tão calorosa, tornando agradável realizar as atividades do mestrado. Obrigado por tudo!

Ao Parati, Reza Vela e Rudá, pelos amigos que fiz.

Agradeço ao João Carlos, Marco Antônio, Eva e Dora por terem me ensinado o valor de trabalhar em grupo.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma maneira, ajudaram para que este trabalho se concluísse.

Sumário

1. A pesquisa histórica na análise do comportamento 1
2. A Pesquisa Histórica 2
3. Oportunidades Institucionais para o Agrupamento de Analistas do Comportamento no Brasil 3
3.1. Associações científicas gerais 4
3.2. Associações específicas 6
3.3. Exames de Qualificação e Defesa 7
4. Os Grupos de Pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq: uma nova opção 8
Método 14
Resultados e Discussão 20
1. Grupos de Pesquisa em AC 20
a) Ano de formação e localização institucional 20
b) Nome os grupos e área predominante 22
c) Linha de Pesquisa 23
2. Pesquisadores em AC 26
a) Titulação 27
b) Liderança 28
3. Os grupos em Rede 31
4. Pesquisadores em Rede 38
Considerações Finais 43
Referências 45
ANEXO 50
ANEXO 1
ANEXO 2

Lista de Figuras

Figura 1: Tela do *site* http://dgp.cnpq.br/buscagrupo, do Diretório de Grupos de Pesquisa, onde a primeira busca, por grupos, foi realizada. 15

Figura 2: Planilha SPSS elaborada para registro das informações colhidas sobre os pesquisadores em AC 17

Figura 3: Tela do site http://dgp.cnpq.br/buscagrupo, do Diretório de Grupos de Pesquisa, onde a busca por pesquisadores foi realizada. 17

Figura 4: Freqüência Acumulada de Grupos de Pesquisa em relação ao ano de formação, segundo o censo 200 20

Figura 5: Tipos de alterações nas Linhas de Pesquisa ao longo dos censos 25

Figura 6: Titulação dos pesquisadores em AC ao longo dos censos 28

Figura 7: Total de Grupos de Pesquisa de acordo com o número de líderes, ao longo dos censos 29

Figura 8: Relação entre grupos de pesquisa por instituição e conforme número de pesquisadores em comum ao longo dos censos 33

Figura 9: Pesquisadores em análise do comportamento e suas vinculações com grupos de pesquisa ao longo dos censos 39

Lista de Tabelas

Tabela 1: Total de pessoas envolvidas em quatro exames de qualificação e uma defesa ocorrida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento/PUC-SP 8

Tabela 2: Relação dos Nomes dos Grupos que entraram na pesquisa 18

Tabela 3: Nome do Grupo, localização institucional, ano de formação e número de pesquisadores por censo 21

Tabela 4: Número de Linhas de Pesquisa por grupo ao longo dos censos 23

Tabela 5: Relação entre alterações nas linhas de pesquisa e mudança de líder, por censo 24

Tabela 6: Numero de pesquisadores em AC e de pesquisadores de fora da AC, ao longo dos censos 27

Tabela 7: Modificações ocorridas na liderança dos Grupos de Pesquisa em cada um dos censos pesquisados 30

Tabela 8: Relação dos nomes dos grupos e sua localização institucional de acordo com a numeração apresentada nas Figuras 5 e 7 32

Candido, G. V. (2009). *A Análise do Comportamento em Grupos de Pesquisa:* uma perspective histórica. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO

Grupos de pesquisa (conforme proposta do CNPq) são mais uma oportunidade de encontro de analistas do comportamento para o debate e o desenvolvimento de pesquisas. Conhecê-los e abordá-los em perspectiva histórica é uma forma de conhecer como pesquisadores da área têm utilizado esta oportunidade e de pensar em possibilidades de melhor aproveitá-la. Com esta pesquisa pretende-se contribuir para o avanço científico da área, pois, diferente de outras oportunidades propiciadas pela comunidade científica, grupo de pesquisa como agrupamento permanente e contínuo é oportunidade de comunicação formal e informal que permitiria integrar e potencializar esforços de produção de conhecimento na área. A busca foi feita de duas formas: por grupos, usando as palavras-chave "análise do comportamento", "análise experimental do comportamento" e "behaviorismo"; e por pesquisadores, utilizando nomes de mestres e doutores com dissertação e/ou tese em análise do comportamento. Foram acompanhados grupos que apareceram em todos os quatro censos divulgados pelo CNPq e pelo menos um pesquisador em Análise do Comportamento, sendo dezessete no total. O mais antigo foi formado em 1983. Mais da metade dos pesquisadores encontrados nesses grupos apresentou pesquisas em análise do comportamento, enquanto a outra parte apresentou pesquisas em diferentes abordagens da Psicologia ou mesmo de outra área do conhecimento. O número de pesquisadores com doutorado vai aumentando ao longo dos anos. Dois dentre os dezessete grupos estão registrados fora da área Psicologia. Observou-se que os quatro grupos não modificaram suas Linhas de Pesquisa ao longo dos anos e oito grupos apresentaram modificação na liderança. Chama atenção, ainda, o aumento de vinculação de pesquisadores a mais de um grupo ao longo dos censos. De acordo com os dados obtidos, a análise do comportamento no Brasil tem hoje pesquisadores titulados, em contato com outros pesquisadores (também titulados), formando profissionais e outros pesquisadores em análise do comportamento. Uma vantagem de grupos de pesquisa é possibilidade do encontro diário para o desenvolvimento de pesquisas, ao contrário dos espaçados encontros das associações científicas.

Palavras-chave: Redes de Pesquisa, Redes de Pesquisadores, Diretório de Grupos de Pesquisa, CNPq, Plataforma Lattes

ABSTRACT

Research groups (according to CNPq`s proposal) are one more opportunity for behavior analysts to meet for debate and development of researches. To know and approach these groups in historical perspective is a form of knowing as researchers of the field have been using this opportunity and thinking of better possibilities to make use them. This research intends to contribute for the scientific progress of the field, because, different from other opportunities propitiated by the scientific community, research group as permanent and continuous grouping is opportunity of formal and informal communication that would allow to integrate and to potentiate efforts of knowledge production in the field. The search was made in two ways: for groups, using the word-key "behavior analysis", "experimental analysis of behavior" and "behaviorism"; and for researchers, using masters` and doctors` names with dissertation and/or thesis in behavior analysis. Groups with at least one researcher in Behavior Analysis in all four censuses published by CNPq were followed. The search resulted in seventeen groups. The oldest was formed in 1983. More than half of the researchers found in these groups presented researches in behavior analysis, while the other share presented researches in different approaches of Psychology or even of other fields of knowledge. The number of researchers with doctor's degree increased along the years. Two among seventeen groups are registered out of the Psychology field. It was observed that four groups didn't modify their Research Line along the years and eight groups presented modifications in leadership. Note that there was an increase of connection of researchers to more than one group along the censuses. According to the obtained data, behavior analysis in Brazil, today, has titled researchers, in contact with other researchers (also titled), forming professionals and other researchers in behavior analysis. An advantage of research groups is the possibility of daily meeting for the development of researches, unlike the spaced encounters of the scientific associations.

Key-words: Research Networks, Researchers Networks, Executive Comitee of Research Group, CNPq, Lattes Plataform

1. A pesquisa histórica na análise do comportamento

A análise do comportamento tem se desenvolvido amplamente a partir da segunda metade do século vinte. Morris, Todd, Midgley, Schneider e Johnson (1995) destacam, como marco disso, a fundação do *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (Jeab) em 1958, na divulgação de pesquisas básicas, o *Journal of Applied Behavior Analysis* (Jaba), em 1968, específica para a pesquisa aplicada e, em 1972, o *Behaviorism* (atual *Behavior and Philosophy*), para a análise conceitual. Esses três periódicos, segundo os autores, contribuíram para a consolidação e difusão do que chamam de subdisciplinas (básica, aplicada e conceitual), integradas, ainda, a partir de 1978, pelo periódico *The Behavior Analyst*.

Para os autores, o contínuo crescimento da Análise do Comportamento (AC) teria dado origem, então, à preocupação com materiais sobre a história de pesquisadores e fatos importantes para o desenvolvimento da área e a algumas análises de periódicos e textos de importância histórica. Para Morris *et al.* (1995), este fato representaria uma evidência da maturidade da área e, ainda, o aumento de pesquisas histórico-conceituais seria indicativo de que a Análise do Comportamento se tornara uma disciplina com produção científica própria, aplicação, produção bibliográfica e programas de pós-graduação exclusivos à área.

Justificando em favor deste tipo de investigação, Morris *et al.* (1995) enumeram dois propósitos de se fazer pesquisa histórica. Em primeiro lugar, a historiografia da Análise do Comportamento poderia tornar claras algumas características centrais da disciplina, descrevendo como suas práticas e embates se desenvolveram, assim como o desenvolvimento de alguma de suas subdisciplinas (básica, aplicada ou conceitual) que, por algum motivo, estivesse se desenvolvendo de forma mais lenta. Esta clarificação, dizem os autores, deve ser um processo contínuo. Um segundo propósito para a realização da pesquisa histórica seria o desenvolvimento não só da ciência, mas da filosofia analítico comportamental.

Para Coleman (1995), além dos dois propósitos citados por Morris *et al*., há mais 11. Entre eles: a história fornece um grande quadro da área; a história ensina a valorizar um campo e a natureza cumulativa do trabalho científico; conhecer a história de uma

área possibilita a familiaridade com eventos, congressos e marcos culturais; conhecer como as controvérsias atuais foram formadas ajuda na sua resolução[1].

Por sua vez, Andery, Micheletto e Sério (1999) afirmam que a importância de estudos em história não deveria ser novidade para os analistas do comportamento. Para explicar esta afirmação, enumeram algumas pesquisas históricas que marcaram o desenvolvimento da AC, começando pelo artigo "O conceito de reflexo na descrição do comportamento", de Skinner (1931), em que analisa a evolução do conceito de reflexo "desde Descarte até Pavlov". Ainda assim, apresentam e discutem a importância do estudo histórico em AC, na visão de um analista do comportamento.

Para as autoras, estudar História da Análise do Comportamento é descrever variáveis que controlaram o comportamento dos cientistas em uma determinada época. Para fazer esta afirmação, lembram Morris *et al.* (1995): "assim como o comportamento dos organismos é função de sua história, também o é a atividade de uma disciplina científica[2]". Como cientistas são organismos que se comportam, estão sob as mesmas leis que controlam o comportamento de qualquer outro organismo, em qualquer outro ambiente. A diferença está nas condições antecedentes e conseqüentes que governam e mantêm o comportamento dos cientistas. Como uma disciplina não é feita de um só pesquisador, estudar história deixa de ser só a descrição de contingências individuais e se torna necessário descrever as práticas da comunidade científica. A Análise do Comportamento, ao adotar o comportamento como objeto de estudo, deve observá-lo, também, em pesquisa histórica.

2. A Pesquisa Histórica

Para a relação entre passado, presente e futuro, Hobsbawm (2007) deu o nome de *continuum*. Ao reconhecer que o passado é aquilo que os historiadores estudam, entender esta relação da forma como sugere o autor se torna importante por enfatizar as experiências do passado como algo interferindo no presente e futuro. Nas palavras do

---

[1] Sobre a importância da história para a Psicologia, ver Wertheimer (1998), que apresenta uma relação das principais razões pelas quais um pesquisador deve se ater com questões históricas.

[2] "Just as the behavior of an organism is a function of its history, so too is the activity of a scientific discipline..." (p. 198)

autor: “Não podemos deixar de aprender com isso [o passado], pois é o que a *experiência* significa” (p. 36).

Para Hobsbawm (2007), apesar de uma análise histórica ser fundamental para se chegar a realizar uma ação mais efetiva, o objetivo principal de um estudo histórico não é prever o que acontecerá no futuro. O papel da história é descobrir padrões e mecanismos da mudança histórica e das transformações das sociedades humanas.

Mas, para autores como Chauveau e Tetart (1999), por exemplo, “...a história não é somente o estudo do passado” (p. 15). Em algumas condições, com métodos próprios, a história também pode ser o estudo do presente. Para eles, a história do presente é uma disciplina e deve lidar com os novos problemas, os novos campos e as novas apresentações.

Um dos problemas que historiadores do tempo presente enfrentam se refere à definição de um período (em termos de duração) com o qual trabalham que, por si, é efêmero. Um outro problema está relacionado com o avanço tecnológico dos anos 1990, devido ao excesso de informações disponíveis com o qual o historiador se defronta (Rioux, 1999).

Apesar da proximidade temporal entre o historiador e seu objeto de estudo, o historiador do presente tem, assim como todos os outros historiadores, preocupação com o passado e deve ser rigoroso na análise e ter conhecimento do contexto para esclarecer e relativizar as informações dos documentos.

Nesta pesquisa, a abordagem histórica de grupos de pesquisa ajudará no conhecimento sobre como os pesquisadores em AC estão utilizando uma possibilidade de organização científica, os grupos de pesquisa (como incentivado pelo CNPq), e como se configura esta organização ao longo dos anos.

3. Oportunidades Institucionais para o Agrupamento de Analistas do Comportamento no Brasil

Sabe-se que, no Brasil, analistas do comportamento têm tido oportunidade de encontrar colegas e discutir seus trabalhos desde a instalação da Análise do Comportamento (AC) no país, em 1961. Seja em associações científicas gerais, abordando temas referentes à área da Psicologia, ou especificamente à Análise do

Comportamento, ou, ainda, em encontros que exigem maior aproximação, preocupando-se não só com a discussão de pesquisas, mas também o desenvolvimento do pesquisar.

3.1. Associações científicas gerais

A Análise do comportamento participou de Associações desde o início da área no país. Essa participação se deve graças ao compromisso científico de Carolina Bori – primeira orientadora de pesquisas na área – e que, à época, era já participante ativa da então mais importante associação científica no país, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Além de uma participação de Keller na Reunião Anual da SBPC em 1961, os primeiros trabalhos são apresentados já em 1962. Vinte anos depois, ao ensejo da comemoração dos 25 anos da AC no Brasil, Matos (1986) analisa a presença, entre 1982 e 1985, da AC nas R.A. da SBPC, mostrando que 20,3% da pesquisa em Psicologia no período era em AC, descontados já os trabalhos que, "descrevendo mudanças no comportamento, inferem sobre propriedades do sistema nervoso", bem como aqueles que "embora usando estratégias de sujeito único e instrumentos de registro operante, não visam o estudo do comportamento dos organismos" (p. 336).

3.1.1. A Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP)[3]

A partir dos anos 1970 e já preocupados com o início dos primeiros profissionais formados na área de acordo com a regulamentação da profissão em 1972, estudantes de Psicologia em Ribeirão Preto (de um Instituto Isolado da Secretaria de Educação, hoje Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade São Paulo/RP) aliam-se a professores, ao final dos anos 1960, para criar uma sociedade científica e profissional que se concretizou, em 1970, como Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP) (Gorayeb, 1991). A Análise do Comportamento esteve presente desde a I Reunião Anual desta Sociedade, em 1971, quando se apresentou em duas das cinco mesas redondas então realizadas. Vinte anos depois, a oportunidade para encontrar colegas se amplia, quando a sociedade passa de regional a nacional – Sociedade Brasileira de Psicologia (Gorayeb, 1991 e Rubiano, 2005). Embora freqüentadas por pesquisadores de diversas instituições de todo o Brasil desde seu início, suas R.A. vão acontecer agora

[3] www.sbponline.org.br

em diferentes cidades e Estados, facilitando a aproximação de pesquisadores das várias regiões do país.

3.1.2 A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP)[4]

A criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, proposta para afirmação das Ciências Humanas e Sociais entre as áreas atendidas pelo CNPq (Guedes, 2004)[5], constituiu-se em mais uma oportunidade para encontro e debate de pesquisas. Para a área, uma oportunidade para representar e promover a pesquisa da pós-graduação brasileira.

Em 1983, dentro da programação da 35ª Reunião da SBPC, houve uma reunião de coordenadores e pesquisadores de programas de pós-graduação em Psicologia. Nessa reunião foi fundada a associação que teria o papel de "representar a comunidade de pesquisa e pós-graduação em Psicologia e que promovesse o desenvolvimento da pesquisa através do incentivo à melhoria dos programas destinados à formação do pesquisador e através da dinamização do intercambio científico". (Schliemann, 1988, p. 11). Nessa reunião, decidiu-se uma Diretoria Provisória tendo Maria Amélia Matos, uma analista do comportamento, na presidência. No ano seguinte, ao eleger a Diretoria que permaneceria por dois anos, uma outra analista do comportamento, Carolina Bori, foi eleita presidente.

Dentre os principais feitos da associação podem ser registradas as discussões sobre avaliação de cursos realizada pela CAPES, participação na indicação de consultores e assessores da área da Psicologia em órgãos de financiamento e desenvolvimento de estudos sobre os critérios de avaliação dos cursos de pós-graduação e produção científica em Psicologia (Macedo, Ano? e Moura, 2002).

Em 1988 ocorre o I Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico, que, segundo Schliemann (1988), foi um marco do desenvolvimento da ANPEPP. Note-se que no nome do simpósio, organizado por uma associação preocupada com a pesquisa e pós-graduação em Psicologia, está a ênfase no intercâmbio entre pesquisadores.

---

[4] www.anpepp.org.br

[5] Em: http://www.anpepp.org.br/index-GruposIXeX.htm. Acesso em junho de 2007.

Neste Simpósio é possível observar a presença da Análise de Comportamento, mesmo que em número bastante pequeno quando comparado às outras sub-áreas presentes: 6 dos 42 trabalhos apresentados estão categorizados na sub-área Experimental/Análise Experimental do Comportamento/Psicobiologia; e, conforme se lê na Avaliação Geral dos Trabalhos Apresentados no I Simpósio, as pesquisas em análise do comportamento discutiam "alfabetização, ou aprendizagem da leitura e da escrita" (Camino e Schliemann, 1988, p. 276). Dentre analistas do comportamento já no primeiro simpósio da ANPEPP, podem ser citados Julio César C. de Rose, A. Celso Goyos e Lincoln da Silva Gimenes (este se tornou secretário da Diretoria 1990-1992), conforme Anais do Simpósio.

A partir do II Simpósio, em 1989, a ANPEPP se estrutura em Grupos de Trabalho (GT). Já se nota a presença de analistas do comportamento formando um grupo ("Psicobiologia e Análise Experimental do Comportamento"). Mas, desde o início, analistas do comportamento têm sido membros de GT por assunto, tais como: "Problemas Metodológicos da Pesquisa em Psicologia da Saúde"; "Perspectivas de Avaliação e Diagnóstico em Psicologia", "Divulgação científica em Psicologia", "A iniciação científica". No Simpósio de 2006, foram criados dois grupos de trabalho na área: "AC de processos simbólicos", com 24 participantes de cinco instituições e "Investigações conceituais e aplicadas em AC" – com 17 participantes e representação de nove instituições.

Sendo uma associação geral da Psicologia, a ANPEPP veio oferecendo oportunidade para analistas do comportamento discutirem, também, seu espaço dentro da área.

3.2. Associações específicas

Quanto às associações especificas, analistas do comportamento criaram, em meados dos anos 1970, a Associação de Modificação do Comportamento (AMC), para atender ao profissional em Análise do Comportamento, mas entendendo como proposta para a área o compromisso indissociável com a pesquisa (Botomé, 2006). Esta proposta é reafirmada quando há mudança, em 1985, de sociedade local (São Paulo) para nacional – a Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ABAC). Seus objetivos deixam claro o compromisso com "todos os tipos de contribuições relacionadas à Análise do Comportamento" (Botomé, 2006, p. 218), seja na realização e

discussão de pesquisas, seja em aplicações e na produção de tecnologia visando um trabalho científico mais efetivo. No conjunto, e com quase dez anos de existência, ambas as associações foram significativas para a área: realizaram encontros os mais diversos e chegaram a publicar periódicos – embora sem regularidade: *Modificação do comportamento* (1976-1977) *e Cadernos de Análise do Comportamento* (1981-1986). Entretanto, a ABAC também desapareceu. Segundo Botomé (2006), pelo afastamento de diretores após o término do mandato, havendo falta de comissões para direção e continuidade da associação. Apenas em 1991, novamente idealizada por profissionais, uma nova Associação foi criada. Num projeto interdisciplinar e já determinada a ser, conforme o artigo 2º do seu estatuto, uma associação científica e nacional, a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC)[6] tem como primeiro objetivo "promover o desenvolvimento da psicoterapia e da medicina comportamental nos seus fundamentos científicos, na sua prática e nos seus princípios éticos" (Estatuto, capítulo I). A ABPMC se revela uma entidade bem sucedida: além de realizar encontros anuais com grande participação de pesquisadores, profissionais e estudantes, tem quatro publicações regulares: uma revista científica (de 1999, a *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* – ISSN 1517-5545); um Boletim Informativo (*Contexto*)*;* os *Anais das Reuniões Anuais;* e uma série de livros (*Sobre Comportamento e Cognição*), iniciada em 1997 e ainda em atividade. Apesar de não ser uma associação exclusiva da Análise do Comportamento, atualmente é a entidade que mais agrega pesquisadores dessa área no Brasil e, ainda, representa a *Association for Behavior Analysis* no país.

3.3. Exames de Qualificação e Defesa

Uma outra oportunidade de encontro e debate entre pesquisadores são os exames de qualificação e defesa dos trabalhos de dissertação e tese. Um breve levantamento realizado em um programa de mestrado e doutorado revela o envolvimento de alunos e pesquisadores em quatro exames de qualificação e uma defesa, ocorridas entre outubro de 2008 e março de 2009 (Tabela 1).

A maior parte dos envolvidos era de *Alunos de pós-graduação*. Importante notar, entretanto, a presença de *Alunos de graduação* e outros *Professores/Pesquisadores em*

[6] www.abpmc.org.br

AC além dos da banca. A categoria *Outros* se refere a pessoas da família ou amigos do aluno que está sendo submetido ao exame. De qualquer forma, por mais que seja um exame e que a participação de pessoas, além dos avaliadores, seja casual, 91 pessoas estiveram assistindo às apresentações (de aproximadamente 20 minutos) de quatro projetos de pesquisa e à discussão sobre introdução, objetivos, elaboração do problema, métodos, resultados e discussão, que dura aproximadamente 2 horas e é feito por três pesquisadores experientes da área (um convidado externo, um convidado do mesmo programa do aluno examinado e o orientador do projeto). Diferente da Anpepp, que propicia encontros para professores de pós-graduação, bancas propiciam, também, encontros com pesquisadores em formação e jovens mestres.

Tabela 1: Total de pessoas envolvidas em quatro exames de qualificação e uma defesa ocorridos no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento/PUC-SP

Envolvidos	Qualificação	Defesa	Total
Alunos de graduação	4	-	4
Alunos de pós-graduação	45	10	55
Professores/Pesquisadores	16	3	19
Outros	8	5	13
Total	73	18	91

4. Os Grupos de Pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq: uma nova opção

Finalmente, cabe lembrar que o avanço da informática pôs novos procedimentos à disposição de pesquisadores. Os encontros e debates não dependem mais apenas dos congressos; nem das eventuais (mas sempre importantes e produtivas) oportunidades oferecidas pelas participações em bancas de mestrado e doutorado, principalmente as de Exames de Qualificação – legítima aula de metodologia.

As agências de fomento à pesquisa e à pós-graduação têm incentivado a formação de grupos introduzindo em seus processos de avaliação a necessidade de criação de grupos e linhas de pesquisa - como forma de organização dos pesquisadores. Assim, como em todas as áreas, analistas do comportamento têm hoje oportunidade adicional para encontro e debate com colegas, o que pode permitir ainda a produção conjunta de conhecimento, além de facilitar o acesso a recursos para realizá-la (Tourinho, 2006).

O Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) é um projeto desenvolvido pelo CNPq desde 1992 e

> No que se refere à sua utilização pela comunidade científica e tecnológica no dia-a-dia do exercício profissional, é um eficiente instrumento para o intercâmbio e a troca de informações. Com precisão e rapidez, é capaz de responder quem é quem, onde se encontra, o que está fazendo e o que produziu recentemente.
>
> Seja no nível das instituições, seja no das sociedades científicas ou, ainda, no das várias instâncias de organização político-administrativa do país, a base de dados do Diretório é uma fonte inesgotável de informação. Além daquelas informações diretamente disponíveis sobre os grupos, seu caráter censitário convida ao aprofundamento do conhecimento por meio das inúmeras possibilidades de estudos de tipo survey. A construção de amostras permitirá o alcance de respostas sobre campos não cobertos pelos dados, como, por exemplo, o financiamento, a avaliação qualitativa da produção científica e tecnológica, bem como o padrão fino das interações entre grupos de pesquisa e o setor produtivo. Desta forma, é uma poderosa ferramenta para o planejamento e a gestão das atividades de ciência e tecnologia.
>
> Finalmente, as bases de dados, na medida em que é recorrente (realização de censos), têm cada vez mais um importante papel na preservação da memória da atividade científico-tecnológica no Brasil.
>
> (http://www.cnpq.br/gpesq/apresentacao.htm#p1).

As instituições que participam do DGP podem ser universidades (federais, estaduais, municipais e privadas), centros universitários, faculdades integradas, faculdades isoladas, institutos, escolas, centros de educação tecnológica, institutos públicos de pesquisa científica, institutos tecnológicos públicos, centros federais de educação tecnológica e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais.

As informações que o DGP disponibiliza podem ser acessadas em duas bases: Base Corrente (com informações que podem ser continuamente atualizadas) e Base Censitária (atualmente, a cada dois anos, em data previamente divulgada, as informações disponíveis na Base Corrente são registradas na forma de Censos).

Grupos de pesquisa são unidades de análise que compõem o DGP. Cada grupo é situado no espaço e no tempo, possui um **conjunto de indivíduos** organizados em torno

de um ou dois **líderes**, com envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa. O trabalho desenvolvido pelos indivíduos do grupo é reunido visando a **execução de Linhas de Pesquisa** e, em algum grau, compartilham equipamentos e instalações (http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/faq.html Data de acesso 05/03/2009).

Toda informação incluída na base de dados é de responsabilidade do líder. Ele coordena e planeja as atividades dos grupos, aponta horizontes e novas áreas de investigação. Não há exigência de titulação mínima, porém, grupos cujos líderes possuem a titulação mestrado são considerados atípicos.

Os membros dos grupos, os pesquisadores, são graduados ou pós-graduados, envolvidos na atividade de pesquisa. Membros matriculados em um curso de graduação ou pós-graduação devem ser registrados no grupo em que participa seu orientador, como estudantes. Segundo o CNPq, desde 1993, a maioria dos pesquisadores estava registrada em apenas um grupo. A partir de 2000 houve um aumento no número de pesquisadores que participam de mais de um grupo, mas o CNPq considera atípico um grupo com pesquisador que participa de mais de quatro grupos. O argumento para tal decisão está no elemento definidor da participação do pesquisador: "um trabalho permanente e profissional de pesquisa..." (idem) e o CNPq considera tal atividade dificultada quando um pesquisador está em quatro ou mais grupos.

As Linhas de Pesquisa são "temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si". (idem). Um ponto importante da definição de linha de pesquisa se refere à sua subordinação ao grupo. Borges-Andrade (2003) afirma que Linhas de Pesquisa são "figuras institucionais", o que significa que são parte de Programas ou áreas de concentração. O autor levanta esta diferença para dizer que indivíduos não podem possuir/conter/encerrar Linhas. No DGP pode-se encontrar a seguinte afirmação: "...a(s) Linha(s) de Pesquisa subordina(m)-se ao grupo, e não o contrário" (idem).

Existem grupos que possuem números que fogem à média dos outros grupos. São chamados grupos atípicos e podem continuar assim sem que tenham prejuízos. Geralmente, os grupos assim considerados são: unitários (formados por apenas um pesquisador); sem estudantes; sem técnicos; com mais de dez pesquisadores; com mais de 10 linhas de pesquisa; onde o líder não é doutor; sem doutores no conjunto de pesquisadores; pesquisadores que participam de quatro ou mais grupos; estudantes que participam de dois ou mais grupos e; grupos semelhantes.

O DGP vem disponibilizando, a cada dois anos, censos com informações sobre líder(es), pesquisadores, estudantes e técnicos registrados, localização institucional e geográfica, linhas de pesquisa, área predominante, ano de formação, entre outras. A cobertura histórica dos censos mostra uma grande evolução de registros de grupos. Em 2000, o DGP contava com 11.760 grupos registrados nas mais diversas áreas. No censo seguinte, 2002, este número subiu para 15.158; em 2004, para 19.470; e, em 2006, no último censo divulgado, este número passou a ser de 21.024 grupos. Neste censo, as Ciências Humanas, grande área da qual a Psicologia faz parte, contam com 3.679 grupos (18% do total de grupos do CNPq), sendo que a Psicologia, com seus 538 grupos, contribui com 14,6% desse total.

Vários pesquisadores têm já usado o DPG do CNPq como fonte para descrever o estado de conhecimento de suas áreas. Rapini (2007), por exemplo, elaborou uma proposta para utilizá-lo como ferramenta alternativa para a compreensão das interações entre universidades e empresas e como instrumento de auxílio na proposição de políticas de C&T para o Brasil. Dos resultados que apresenta, conclui que há pouca interação entre os grupos e o setor produtivo, de acordo com o Censo 2002. Encontrou, também, uma predominância de relacionamentos entre setor produtivo e grupos vinculados às Instituições de Ensino Superior, destacando-se as instituições federais.

Freitas Júnior (2003), propondo um modelo de sistema de gestão do conhecimento, conceitua grupos de pesquisa e descreve algumas características específicas que possuem. Para ele, registrados nos grupos estão pesquisadores com diferentes níveis de conhecimento: pesquisadores que estão há mais tempo no grupo possuem conhecimento maior que os pesquisadores com menos tempo de experiência, pelo menos com relação a Linhas de Pesquisa do grupo. Uma segunda característica que grupos de pesquisa têm é a evolução contínua do conhecimento, ou seja, o conhecimento produzido deve passar constantemente por avaliação e atualização.

Ainda, uma outra característica do formato de grupos, como descrito por Freitas Júnior (2003), é a relação entre a liderança e os outros pesquisadores, pois é desta relação que se formam os objetivos do grupo e a cooperação entre os pesquisadores. A relação entre pesquisadores (incluindo os líderes) acontece de maneira informal, o que faz com que o conhecimento produzido seja passado através de conversas e observação do comportamento dos mais experientes, o que implica em falta de registros de soluções

adotadas para resolução de problemas. Observa-se ainda a possibilidade de formação de grupos com a presença de pesquisadores geograficamente dispersos.

Guimarães, Lourenço e Cosac (2001), por sua vez, fazem um levantamento de grupos de pesquisa sobre epidemiologia e a produção científica de epidemiólogos. Utilizaram, além do DGP, o currículo individual dos pesquisadores, oferecido pela Plataforma Lattes, o Sistema Gerencial de Fomento, do CNPq, e o "Sistema DataCapes". Iniciaram a busca na base de dados do Diretório com as palavras-chave "epidemiologia", nos campos "Nome do grupo", "Nome da linha de pesquisa" ou "Palavra-chave da linha de pesquisa". Houve necessidade de exclusão de falso-negativo. O critério utilizado para isto foi a verificação da vinculação das linhas de pesquisa à subárea da epidemiologia. Observou-se, também, vínculos de pelo menos uma Linha de Pesquisa a subáreas de medicina preventiva, saúde pública ou à área de saúde coletiva. Com esses critérios, encontraram 176 grupos.

Preocupados em conhecer as características da produção científica sobre envelhecimento humano, Prado e Sayd (2004) elaboraram uma pesquisa para estudar grupos de pesquisas brasileiros no tema. Utilizaram, nos campos "Nome do grupo", "Nome da linha de pesquisa", e "Palavra-chave da linha de pesquisa" do DGP (Censo 2000), as palavras-chave: *idoso(a)(s), velho(a)(s), velhice, envelhecimento, geriatria, gerontologia, aposentadoria* e *terceira idade.* Eliminaram "falso-positivos" e terminaram a busca com 144 grupos com pelo menos uma linha de pesquisa que se refere ao envelhecimento humano.

Um levantamento de grupos de pesquisa em análise do comportamento foi já realizado (Martinelli, Cândido e Chequer 2007). Utilizando os censos de 2002 e 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, buscava-se, a partir das palavras-chave "análise do comportamento", "análise experimental do comportamento" e "behaviorismo" conhecer a organização de pesquisadores em AC no estado de Minas Gerais (incluindo modificações que ocorreram de um censo para o outro). Os autores observaram o aparecimento de um novo grupo no censo de 2004 e o não reaparecimento de outro, que havia sido localizado no Censo 2002. Os outros três grupos foram localizados nos dois censos. Houve, também, uma grande modificação no número de estudantes (de 22 para 78), enquanto a mudança no número de pesquisadores foi pequena (de 21 para 25). Os nomes das linhas de pesquisa também se modificaram. Apenas um grupo continuou com as mesmas linhas, encontrando-se tanto inclusão de novas linhas como a modificação no nome de algumas.

Como nos trabalhos citados, pretende-se conhecer a capacidade instalada de pesquisa na área, sua distribuição institucional e os temas tratados. Mas pretende-se ainda o que está aqui sendo chamado de perspectiva histórica: acompanhar pesquisadores em sua trajetória de participação em grupos de pesquisa, ao longo do período em que isso tem sido parte do sistema de pesquisa no país.

Espera-se, com esta pesquisa, contribuir para o avanço científico da área, pois, diferente dos encontros oferecidos por associações e sociedades, grupo de pesquisa como **agrupamento permanente e contínuo** é oportunidade de comunicação formal e informal que permitiria integrar e potencializar esforços de produção de conhecimento na área. Permitiria ainda uma melhor inserção na comunidade científica da Psicologia. Como destaca Tourinho (2006), apesar dos avanços significativos alcançados pela ABPMC no que se refere à sua organização e difusão, a AC não conseguiu mais do que ser considerada uma "subárea em Processos básicos", quando da recente discussão sobre reformulação das Tabelas de Áreas do Conhecimento para o CNPq. Espera-se que um estudo sobre os agrupamentos em AC poderá contribuir para tornar mais visível a AC como área.

Método

Considerando que se pretende conhecer, em perspectiva histórica, a presença de analistas do comportamento em grupos de pesquisa, os censos 2000, 2002, 2004 e 2006, disponíveis no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foram utilizados como fonte.

Pelo s*ite www.cnpq.br* encontra-se um *link* que dá acesso ao Diretório de Grupos de Pesquisa. Este disponibiliza informações sobre o que é o Diretório, para que serve, como são feitas as coletas dos dados e considerações sobre as formas de acesso às informações oferecidas. Nesta pesquisa, foi utilizada a Base Censitária por oferecer censos bienais dos grupos cadastrados, a partir de 2000.

A coleta ocorreu em 5 momentos:

1º) Busca por Grupos de Pesquisa a partir do nome do grupo

No primeiro momento, optou-se por uma busca na opção "Grupos de Pesquisa" utilizando as palavras-chave: "análise do comportamento", "análise experimental do comportamento" e "behaviorismo". Aplicou-se a busca nos campos "nome do grupo", "repercussões do grupo", "nome da linha de pesquisa", "palavra-chave da linha de pesquisa", "título da produção CT&A", "referência bibliográfica" e "palavra-chave da produção". Outra opção que a busca possibilita é quanto à forma de utilização das palavras-chave: "Todas as palavras", "Qualquer palavra", "Busca exata". Nesta pesquisa, escolheu-se a "Busca exata". A Figura 1 é uma cópia da página do DGP, onde ocorreu a busca pelos grupos. As setas indicam o local de opção para a busca por grupos, local de inserção da palavra-chave, forma de utilização e campos de aplicação das palavras-chave; e seleção do censo para a busca.

As três palavras-chave foram utilizadas para buscar Grupos de Pesquisa registrados no Censo 2000. Foram localizados, sem exclusão de falsos-positivos, 41 grupos com a palavra-chave "behaviorismo" (BEH), 20 com "análise experimental do comportamento" (AEC) e 315 com "análise do comportamento" (AC). Como critério para inserção do grupo na pesquisa, foi necessário que o grupo tivesse registrado o mínimo de um pesquisador com pesquisas em análise do comportamento. Isto foi assegurado conferindo o *Currículo Lattes* de todos os pesquisadores dos grupos.

Para exclusão de falso-positivos, a análise do *Currículo Lattes* aconteceu da seguinte forma: buscou-se, inicialmente, relato de atividades de pesquisa em AC no breve resumo encontrado no início do currículo dos pesquisadores de todos os grupos encontrados. Se houvesse relato de pesquisa em AC, registrou-se o nome do grupo, a área predominante, as linhas de pesquisa e a palavra-chave utilizada para localizar o grupo. Então, a investigação de um novo grupo foi iniciada. Caso não pudesse ser encontrada no resumo informação sobre pesquisa em análise do comportamento, foram observados ainda: os congressos dos quais os pesquisadores participam, os periódicos em que publicam, assim como os títulos de artigos e apresentações. Caso em um grupo não fosse encontrado registros de pesquisa em AC por nenhum dos pesquisadores, o grupo era descartado.

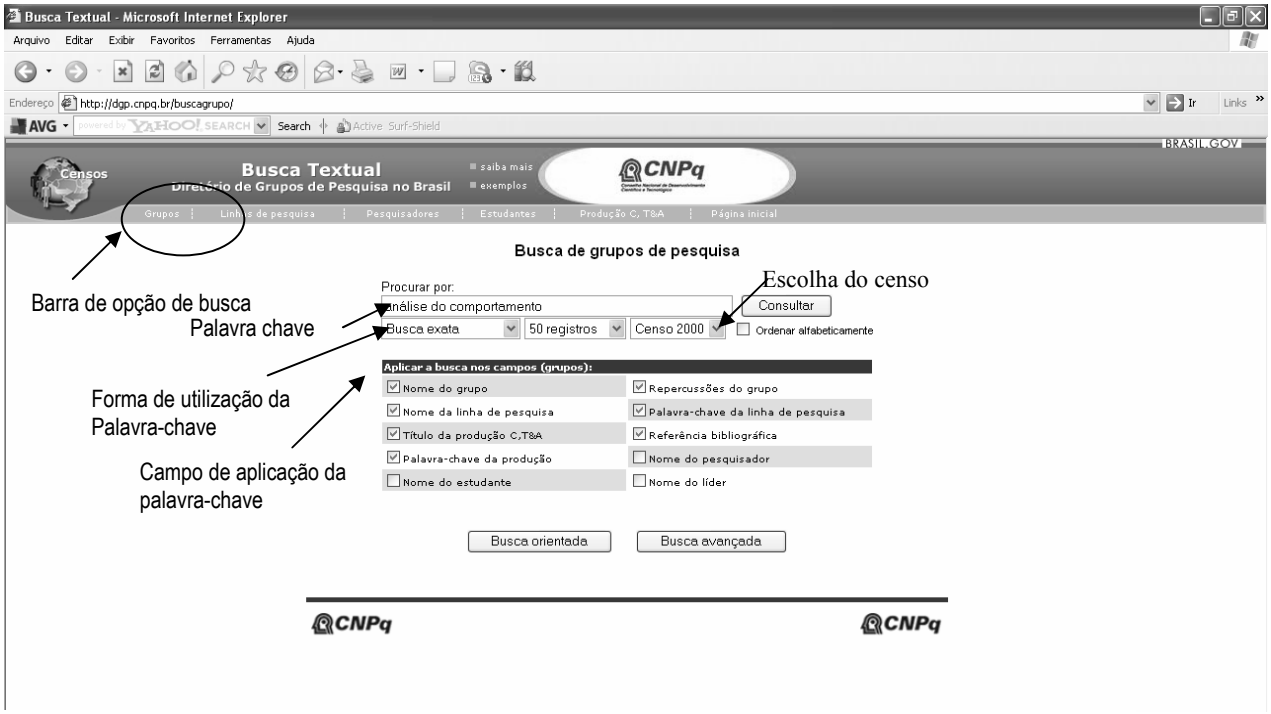


Figura 1: Tela do *site* http://dgp.cnpq.br/buscagrupo, do Diretório de Grupos de Pesquisa, onde a primeira busca, por grupos, foi realizada.

No final deste momento, o total de grupos por palavra-chave diminuiu para 22 grupos em BEH, 13 em AEC e 33 em AC[7]. Porém, alguns grupos foram localizados com o uso de somente uma das palavras-chave, outros foram localizados com o uso de duas ou até mesmo das três palavras-chave utilizadas. Excluídas da soma aqueles grupos que foram localizados mais de uma vez com o uso de palavras-chave diferentes,

[7] Uma curiosidade: dos 315 grupos encontrados com a palavra-chave *"Análise do Comportamento"*, pelo menos 148 estão na área de engenharia.

o número total de grupos com pesquisadores em análise do comportamento encontrados no Censo 2000 foi 25. Os grupos encontrados neste momento estão no **ANEXO 1.**

2º) Busca por Grupos de Pesquisa a partir do nome do pesquisador

Em um segundo momento, foi feita uma busca visando conferir se havia pesquisadores em AC em Grupos que não tinham os termos "behaviorismo", "análise experimental do comportamento" e "análise do comportamento" em nenhum dos campos considerados no primeiro momento. Utilizou-se, para isso, O *Banco de Dados de Dissertações e Teses em Análise do Comportamento no Brasil 1968-2007. (BDTAC/BR)* (Micheletto, Guedes, Pereira, Silva, 2008), do Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento (LEHAC) da PUC-SP. Foi uma fonte que possibilitou conhecer profissionais que concluíram pós-graduação *stricto sensu* no país, com Tese e/ou Dissertação em Análise do Comportamento. Os nomes retirados da Base de Dados foram organizados em ordem alfabética em uma planilha (*SPSS for Windows 10.0*).

O procedimento utilizado para encontrar os pesquisadores incluiu:

a) acesso ao campo Busca Textual da Base Censitária do DGP;

b) busca na opção "Pesquisadores";

c) utilização dos nomes retirados do banco de dados mencionado;

d) procura de registros dos pesquisadores em grupos;

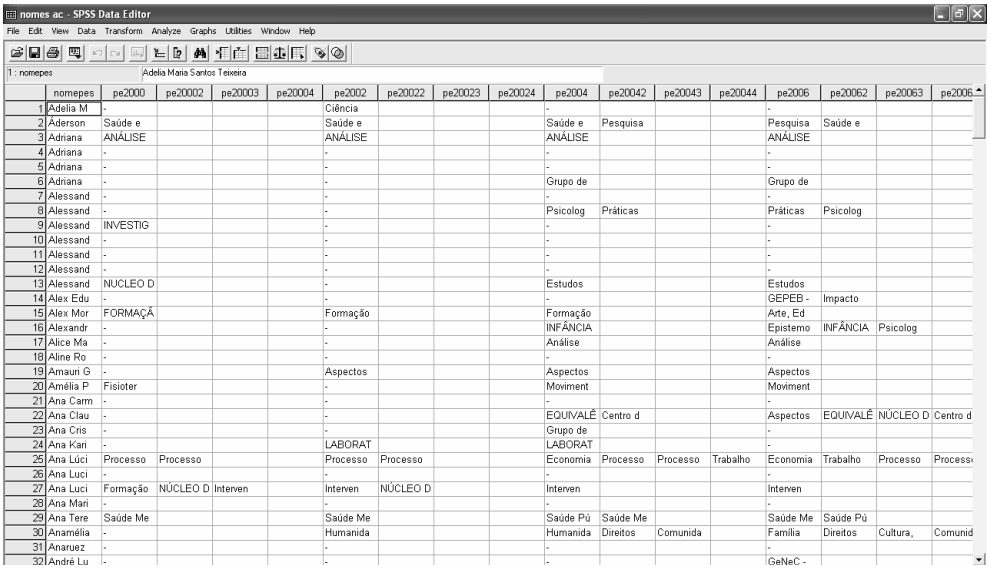
e) inserção das informações encontradas na planilha SPSS. (Figura 2);

d) busca feita para cada nome, em cada um dos censos – 2000, 2002, 2004, 2006.

Das informações encontradas a partir da busca, foram consideradas as seguintes informações: a) nome dos pesquisadores; b) censos consultados; c) nome dos Grupos de Pesquisa em que estavam registrados.

Na primeira coluna da Figura 2 tem-se alguns nomes que foram retirados do BDTAC/BR. As colunas seguintes foram reservadas para a inserção do nome do grupo que foram encontrados. Para cada censo foi reservado um bloco de quatro colunas, caso um mesmo nome fosse encontrado em mais de um grupo, no mesmo censo.

Na Figura 3 estão descritas as decisões tomadas para a busca por pesquisadores. Chegou-se a um total de 257 grupos **(ANEXO 2)**.



nomes ac - SPSS Data Editor

File Edit View Data Transform Analyze Graphs Utilities Window Help

1 : nomepes Adelia Maria Santos Teixeira

	nomepes	pe2000	pe20002	pe20003	pe20004	pe2002	pe20022	pe20023	pe20024	pe2004	pe20042	pe20043	pe20044	pe2006	pe20062	pe20063	pe2006
1	Adelia M	-				Ciência				-				-			
2	Aderson	Saúde e				Saúde e				Saúde e	Pesquisa			Pesquisa	Saúde e		
3	Adriana	ANÁLISE				ANÁLISE				ANÁLISE				ANÁLISE			
4	Adriana	-				-				-				-			
5	Adriana	-				-				-				-			
6	Adriana	-				-				Grupo de				Grupo de			
7	Alessand	-				-				-				-			
8	Alessand	-				-				Psicolog	Práticas			Práticas	Psicolog		
9	Alessand	INVESTIG				-				-				-			
10	Alessand	-				-				-				-			
11	Alessand	-				-				-				-			
12	Alessand	-				-				-				-			
13	Alessand	NUCLEO D				-				Estudos				Estudos			
14	Alex Edu	-				-				-				GEPEB -	Impacto		
15	Alex Mor	FORMAÇÃ				Formação				Formação				Arte, Ed			
16	Alexandr	-				-				INFÂNCIA				Epistemo	INFÂNCIA	Psicolog	
17	Alice Ma	-				-				Análise				Análise			
18	Aline Ro	-				-				-				-			
19	Amauri G	-				Aspectos				Aspectos				Aspectos			
20	Amélia P	Fisioter				-				Moviment				Moviment			
21	Ana Carm	-				-				-				-			
22	Ana Clau	-				-				EQUIVALÊ	Centro d			Aspectos	EQUIVALÊ	NÚCLEO D	Centro d
23	Ana Cris	-				-				Grupo de				-			
24	Ana Karl	-				LABORAT				LABORAT				-			
25	Ana Lúci	Processo	Processo			Processo	Processo			Economia	Processo	Processo	Trabalho	Economia	Trabalho	Processo	Process
26	Ana Luci	-				-				-				-			
27	Ana Luci	Formação	NÚCLEO D	Interven		Interven	NÚCLEO D			Interven				Interven			
28	Ana Mari	-				-				-				-			
29	Ana Tere	Saúde Me				Saúde Me				Saúde Pú	Saúde Me			Saúde Me	Saúde Pú		
30	Anamélia	-				Humanida				Humanida	Direitos	Comunida		Família	Direitos	Cultura,	Comunid
31	Anaruez	-				-				-				-			
32	André Lu	-				-				-				GeNeC -			

Figura 2: Planilha SPSS elaborada para registro das informações colhidas sobre os pesquisadores em AC

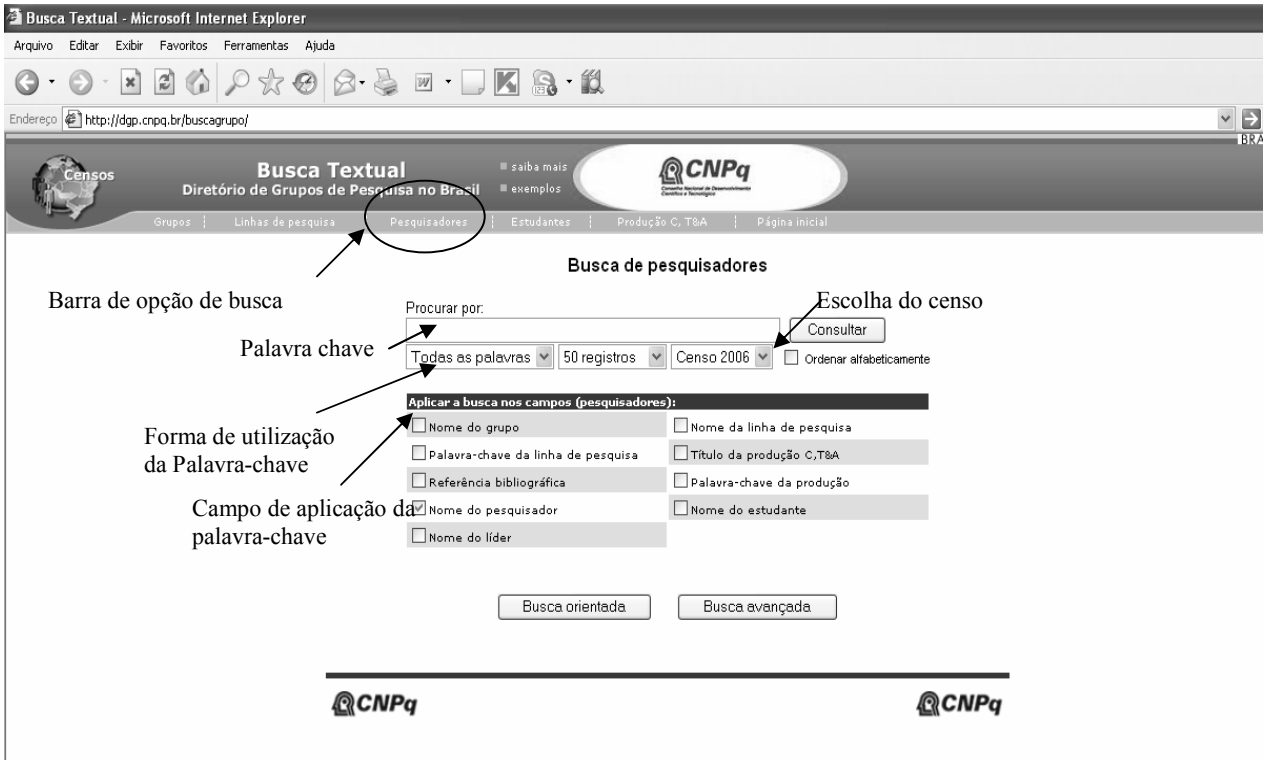


Figura 3: Tela do site http://dgp.cnpq.br/buscagrupo, do Diretório de Grupos de Pesquisa, onde a busca por pesquisadores foi realizada.

3) Soma dos resultados obtidos nos dois primeiros momentos

Finalmente, os resultados dos dois primeiros momentos foram somados e os procedimentos foram tomados como complementares, a fim de abranger o maior número de Grupos de Pesquisa com a presença da análise do comportamento.

4º) Seleção dos grupos que apareceram nos 4 censos

a) O procedimento adotado neste momento, para a busca a partir do Grupo, foi semelhante ao adotado no primeiro momento. A diferença principal está nos termos utilizados para a busca por grupos.

Foi aplicado, no DGP, no campo para a busca de grupos, no Censo 2002, os nomes dos 25 grupos que apareceram no Censo 2000 (primeiro momento). Os nomes dos grupos que foram localizados novamente foram inseridos no campo para busca de grupos no Censo 2004. Os nomes que apareceram nos três censos pesquisados foram procurados, ainda, no Censo 2006.

Quando um grupo que já havia sido localizado não foi mais encontrado no censo seguinte, buscava-se pelos seus pesquisadores, o que levou a encontrar mudança no nome do grupo. No total foram identificados 14 grupos em AC.

b) Com relação à busca a partir do nome dos pesquisadores foi utilizado aqueles grupos que apareceram nos quatro censos disponíveis. Dos 257 grupos encontrados, apenas 31 passaram no critério de continuidade (foram localizados nos quatro censos). O Currículo Lattes de cada um dos pesquisadores destes grupos foi consultado da mesma forma descrita no primeiro momento a fim de conferir se o pesquisador permanece na AC. Ao fim, a busca resultou em 17 grupos (já incluindo os 14 grupos encontrados na busca a partir do Grupo). (Tabela 2)

Tabela 2: Relação dos Nomes dos Grupos que entraram na pesquisa

N	Nome do Grupo
1	Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comportamento
2	Análise do comportamento operante humano
3	Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção
4	Bases da Psicologia na Educação
5	Diagnostico e intervenção clínico-institucional comunitário e individual
6	Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento
7	Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP*
8	História da Psicologia
9	Interação Social e Construção de Conhecimento
10	Investigação em Linguagem e Comportamento Verbal
11	Núcleo de estudos de comportamento, cognição e ensino (ECCE)
12	Núcleo de Pesquisa em Psicologia – LAEC*
13	Pesquisa Comportamental em Odontologia
14	Processos comportamentais em produção de conhecimento científico e em planejamento de ensino e de instituições
15	Processos Organizacionais
16	Relações interpessoais e habilidades sociais
17	Saúde e Desenvolvimento Humano

* Grupo que apresenta mudança no nome

5º) Redes de pesquisa

O conceito de rede utilizado neste trabalho foi o mesmo utilizado por Neiva e Corradi (2006): "Rede social consiste em um conjunto de atores e as relações entre esses atores" (p. 2).

Para se chegar a todos os grupos que fazem parte da rede de relações entre grupos e pesquisadores, utilizou-se os nomes de todos os pesquisadores em AC registrados nos 17 grupos desta pesquisa. Isto permitiu localizar todos os grupos de que participaram (sem o critério de continuidade). Para a elaboração da figura 9, que mostra em rede os grupos e pesquisadores em AC, foi utilizado o *software Ucinet 6 for Windows*, versão 6.198.

Resultados e Discussão

1. Grupos de Pesquisa em AC

Como primeiro resultado encontrado tem-se os nomes e as datas de formação dos 17 grupos, as instituições que os abrigam, o total de pesquisadores, em AC ou não, e a titulação dos pesquisadores. Todos os resultados são apresentados de forma que seja possível visualizar mudanças ocorridas ao longo dos anos.

a) Ano de formação e localização institucional

No início dos anos 1980 alguns dos grupos identificados para esta pesquisa já existiam, porém, não se pode afirmar que a AC estava neles presente desde o seu início. Talvez o grupo "*Núcleo de estudos de comportamento, cognição e ensino (ECCE)*", formado em 1984 na UFSCar, seja o único dentre os grupos mais antigos desta pesquisa em que a preocupação dos pesquisadores, desde a formação do grupo, era com a análise do comportamento, haja vista a quantidade de pesquisadores em AC presentes no grupo em todos os censos pesquisados. O grupo mais antigo é o "*História da Psicologia*", da PUC-SP.

Na Figura 4 está representado o ano de formação dos grupos, ao longo dos anos, de acordo com o Censo 2000.

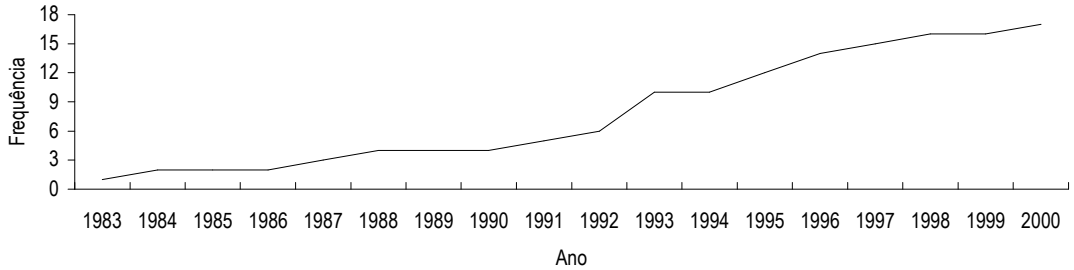


Figura 4: Frequência Acumulada de Grupos de Pesquisa em relação ao ano de formação, segundo o Censo 2000

Observa-se, até o ano 1992, pouca formação de grupos (totalizam seis até este ano) e, então, há uma aceleração na formação de grupos, principalmente no ano 1993, em que quatro novos grupos surgem. Este é o ano em que mais grupos são formados. A partir daí a formação de grupos acontece em quase todos os anos (exceção de 1994 e 1999).

A única alteração em relação aos outros censos ocorre para o "*Núcleo de Pesquisa em Psicologia – LAEC*" que, em 2002, com o nome mudado para "*Laboratório de Análise Experimental do Comportamento*", aparece como sendo de 1974.

Segundo o Censo 2000, o grupo que foi formado mais recentemente, dentre os que integram esta pesquisa, tem data de 2000 e está localizado na FAMERP e os cinco grupos com mais tempo de existência estão localizados nas instituições PUC-SP, UFSCar, USP, UnB e UFSCar, novamente. Entre o ano de formação do primeiro grupo e do quinto se passaram sete anos. A Tabela 3 mostra os nomes dos grupos, a localização institucional, ano de formação e número de pesquisadores, da AC ou não.

Tabela 3: Nome do Grupo, localização institucional, ano de formação e número de pesquisadores por censo

Nome do Grupo	Instituição	Ano de Formação	Número de Pesquisadores em AC				Número de Outros Pesquisadores			
			2000	2002	2004	2006	2000	2002	2004	2006
Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comp.	UEL	1995	6	6	6	7	0	0	0	0
Análise do Comp. Operante Humano	UFSCAR	1991	9	6	5	5	0	0	0	2
Análise do Comp.: Pesquisa e Intervenção	PUC-SP	1996	9	13	13	16	0	0	0	0
Bases da Psicologia na Educação	PUC-SP	1993	5	4	4	6	3	4	5	6
Diagnostico e intervenção clínico-institucional comunitário e individual	USP	1987	4	6	7	7	0	3	5	4
Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comp.	UNESP	1996	6	7	5	3	0	1	0	0
Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP*	FAMERP	2000	4	4	4	4	0	0	2	3
História da Psicologia	PUC-SP	1983	3	2	4	2	13	4	8	8
Interação Social e Construção de Conhecimento	UFSCar	1995	1	1	1	1	1	1	2	2
Investigação em Linguagem e Comp. Verbal	UFSC	1993	3	3	6	4	1	2	4	3
Núcleo de Estudos de Comp., Cognição e Ensino (ECCE)	UFSCar	1984	13	16	14	16	1	1	1	0
Núcleo de Pesquisa em Psicologia - LAEC*	UCG	1997***	10	13	11	9	5	9	4	2
Pesquisa Comp. em Odontologia	UNICAMP	1993	5	5	4	4	3	2	1	1
Processos Comp. em Produção de Conhecimento Científico e em Planejamento de Ensino e de Inst.	UFSCar**	1993	4	4	4	4	0	0	0	0
Processos Organizacionais	UFSCar	1998	1	1	1	1	5	2	1	1
Relações Interpessoais e Habilidades Sociais	UFSCar	1992	5	6	10	8	12	7	9	10
Saúde e Desenvolvimento Humano	UnB	1988	3	3	2	2	4	4	5	6

*Grupos que apresentaram mudança no nome
** A partir do Censo 2002 o grupo é encontrado na Instituição UFSC
***A partir do Censo 2002 o grupo é encontrado com outro nome e o Ano de Formação passa a ser 1974

Apenas três grupos se apresentaram exclusivamente com analistas do comportamento. São: "Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comportamento" (UEL), "Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção" (PUC-SP) e "Processos Comportamentais em Produção de Conhecimento Científico e em Planejamento de Ensino e de Instituições" (PUC-SP).

Os 17 grupos analisados estão localizados em dez instituições, sendo seis no estado de São Paulo e um em Goiás, no Distrito Federal, Paraná e Santa Catarina.

b) Nome dos grupos e área predominante

A busca por pesquisadores se mostrou uma forma útil de localizar alterações nos nomes dos grupos. Porém, não foi observada nenhuma grande mudança. Não se sabe se houve, também, mudança nos objetivos do grupo, mas isto será brevemente discutido no tópico Linhas de Pesquisa.

Observa-se apenas algumas pequenas mudanças de nome, como em "*Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP*", nos censos 2000 e 2002 passando a "*Psicologia da Saúde*" a partir do Censo 2004. O mesmo aconteceu com o grupo "*Núcleo de Pesquisa em Psicologia – LAEC*", no Censo 2000, que passou a ter, no registro do CNPq a partir do Censo 2002, o nome "*Laboratório de Análise Experimental do Comportamento*".

Em relação à busca a partir das três palavras-chave ("Análise do Comportamento", "Análise Experimental do Comportamento" e "Behaviorismo"), 25 grupos foram encontrados (ANEXO 1). Desses, 11 não entram nesta pesquisa porque não foram localizados em pelo menos um dos censos seguintes. Dois motivos podem ser citados como causa para a não localização dos grupos: alguns deixaram de existir, outros apresentaram saída do(s) pesquisador(es) em AC.

Com relação aos 257 grupos encontrados na busca a partir do nome de pesquisadores **(**ANEXO 2**)**, além da saída dos pesquisadores em AC e a extinção do grupo (que também explicam a não localização de grupos previamente localizados), muitos de seus pesquisadores mostraram (vistos seus *Currículos Lattes*) não ter dado continuação nos trabalhos em AC.

Com relação à área predominante dos grupos, quase todos (15 entre os 17) estão registrados como pertencentes à área Psicologia e apenas dois ("*Bases da Psicologia da Educação*" e "*Pesquisa Comportamental em Odontologia*") estão nas áreas Educação e

Odontologia, respectivamente. Estes dois grupos estão localizados, o primeiro, na PUC-SP e, o segundo, na Unicamp.

c) Linha de Pesquisa

Com relação às Linhas de Pesquisa, observa-se que grande parte dos grupos tem entre duas e cinco. Apenas seis grupos apresentaram o mesmo número de Linhas em todos os censos *("Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção", "Bases da Psicologia na Educação", "História da Psicologia", "Núcleo de estudos de comp., cognição e ensino (ECCE)" e "Relações interpessoais e habilidades sociais"*) (Tabela 4), mas não são, necessariamente, as mesmas Linhas. Algumas mudanças serão analisadas.

Tabela 4: Número de Linhas de Pesquisa por grupo ao longo dos censos

Nome do grupo	*Numero de linhas de pesquisa*			
	2000	2002	2004	2006
Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comp.	2	2	3	3
Análise do comportamento operante humano	2	2	3	3
Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção	3	3	3	3
Bases da Psicologia na Educação	3	3	3	3
Diagnostico e intervenção clínico-institucional comunitário e individual	3	7	7	8
Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comp.	5	4	2	2
Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP*	1	1	3	3
História da Psicologia	3	3	3	3
Interação Social e Construção de Conhecimento	3	2	2	2
Investigação em Linguagem e Comp. Verbal	2	2	4	5
Núcleo de estudos de comp., cognição e ensino (ECCE)	1	1	1	1
Núcleo de Pesquisa em Psicologia – LAEC*	12	7	7	3
Pesquisa Comportamental em Odontologia	4	4	5	5
Processos comportamentais em produção de conhecimento científico e em planejamento de ensino e de instituições	4	4	4	4
Processos Organizacionais	5	3	2	2
Relações interpessoais e habilidades sociais	2	2	2	2
Saúde e Desenvolvimento Humano	4	4	1	1

*Grupo que apresenta mudança no nome

Iniciando pelos grupos que apresentaram mudança no nome, observa-se que exatamente no ano em que isto ocorre há alteração no número das Linhas. O grupo *"Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP"*, que muda de nome em 2004, apresenta um aumento de duas Linhas. Já o grupo *"Núcleo de Pesquisa em Psicologia – LAEC"*, que muda de nome em 2002, apresenta uma diminuição de 12 para sete Linhas. Ainda este mesmo grupo apresenta uma outra curiosidade. Em 2006, quando há mudança de líder, o número total de Linhas ainda diminui mais, de sete para três.

Mudança no número de Linhas acompanhada de mudança na liderança é também observada no grupo *"Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do*

Comportamento". Nos dois anos em que há troca de líderes há, também, diminuição nas Linhas de Pesquisa. O mesmo acontece com o grupo *"Pesquisa Comportamental em Odontologia"* e *"Saúde e Desenvolvimento Humano"*, porém, no último grupo, em vez de aumento, há diminuição no número de Linhas no mesmo censo em que há mudança na liderança.

Não se pode afirmar relações entre as mudanças na liderança explicam e nas Linhas. Uma vez que a fonte de dados utilizada nesta pesquisa foram censos realizados a cada dois anos, não se pode afirmar que essas mudanças na Linha e na liderança ocorreram realmente juntas. Devido ao grande número de mudanças no número de Linhas, outra investigação (incluindo entrevistas com os líderes) poderia ser feita, especificando quais fatores poderiam ter influenciado na alteração das Linhas. Todavia, sabe-se que os líderes planejam e coordenam as atividades do grupo.

Ao investigar a relação entre a alteração da liderança e a alteração na Linha de Pesquisa, os grupos podem ser organizados em cinco conjuntos (Tabela 5). Um deles é formado por quatro grupos que não apresentaram alterações na liderança nem nas Linhas de Pesquisa. O segundo conjunto é formado também por quatro grupos que apresentam alterações na Linha de Pesquisa e a mesma liderança em todos os censos. O terceiro é formado por grupos que, primeiro apresentaram alteração na Linha de Pesquisa e no censo seguinte apresentam alteração na liderança. Neste conjunto foram incluídos dois grupos.

Tabela 5: Relação entre alterações nas linhas de pesquisa e mudança de líder, por censo

Alteração na liderança	Alteração na linha de pesquisa	Observação
Não	Não	-
Não	Sim	-
Sim	Sim	Primeiro mudou a Linha de Pesquisa, depois, o líder
Sim	Sim	Primeiro mudou a liderança, depois a Linha de Pesquisa
Sim	Sim	Liderança e Linha de Pesquisa mudaram no mesmo censo

Nos outros dois conjuntos as alterações nas Linhas podem ter dependido da mudança na liderança. Em um, com quatro grupos a alteração nas Linhas acontece no censo seguinte ao censo em que ocorreu a mudança na liderança. No último conjunto, formado por três grupos, são incluídos grupos que apresentam mudança na liderança e

alteração na Linha em um mesmo censo. Em um deles, ainda, há mudança na liderança em dois censos e, em todos os dois censos as Linhas são alteradas.

Apenas quatro grupos apresentaram exatamente as mesmas Linhas de Pesquisa em todos os censos. Em todos os outros grupos foram encontradas alterações que foram classificadas como: Modificação – quando se observou mudança em algumas palavras da Linha de Pesquisa, mas o foco estudado continua o mesmo; Inclusão – quando uma Linha passa a existir, estudando um fenômeno que não aparecia em nenhuma das Linhas do grupo no censo anterior; Exclusão – quando uma Linha deixa de existir, e o fenômeno estudado não aparece mais no censo seguinte; Divisão – quando os fenômenos estudados em uma Linha passam a ser estudados em duas Linhas; ou Unificação – quando os fenômenos estudados em duas Linhas passam a ser estudados em uma única Linha.

A partir dessa classificação, observa-se, na Figura 5, que Divisão e Unificação ocorrem em menor número em todos os censos (houve apenas uma divisão no Censo 2004 e duas Unificações, sendo uma no Censo 2002 e uma no Censo 2004). Nos censos 2002 e 2006 há maior número de Exclusões de Linhas e no Censo 2004 há um maior número de Inclusão de Linhas. A Modificação de Linhas de Pesquisa apareceu em todos os censos.

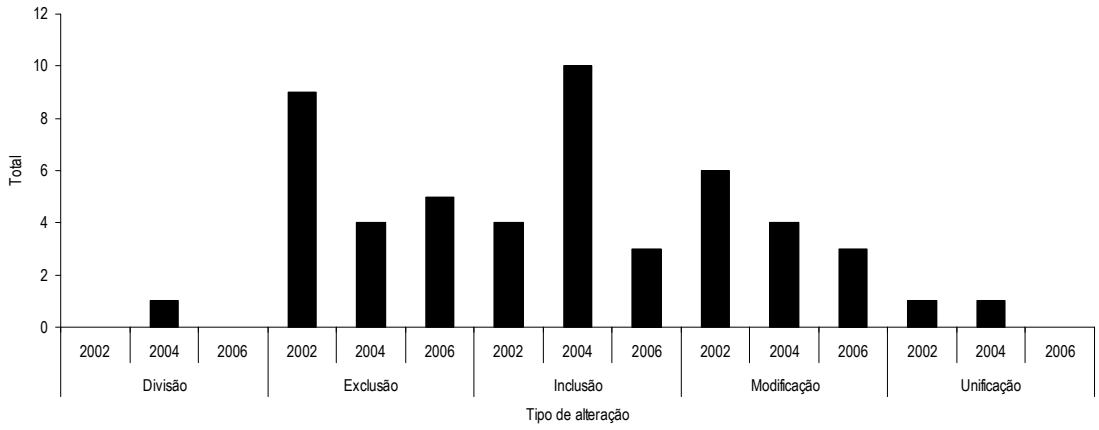


Figura 5: Tipos de alterações nas Linhas de Pesquisa ao longo dos censos

Os dados são suficientemente interessantes para propor algum aprofundamento. Fensterseifer (2003) sugere que o conceito de ciclo de vida, da Biologia, seja utilizado para entender o conceito de Linha de Pesquisa, sendo que, para completar o ciclo de

vida, sugere uma seleção administrada em vez de uma seleção natural. Uma Linha, para ele, deve ser flexível o suficiente para acomodar as especificidades de cada área.

O que se observa são modificações constantes acontecendo, pelo menos em alguns grupos. Ainda, há grupos que alteram as linhas mais de uma vez ao longo dos anos. Talvez haja, em alguns casos, uma interferência constante (e talvez não mútua) das atividades que o grupo realiza e as Linhas de Pesquisa. Nesses casos, o que parece acontecer é o contrário ao que propõe Borges-Andrade (2003), sobre o conceito de Linhas de Pesquisa. Para este autor, as Linhas dos grupos de pesquisa precisam ter uma natureza institucional, em vez de natureza individual, da mesma forma que Estrutura Curricular. Porém, para que isto possa ser afirmado com mais segurança, uma comparação entre as Linhas de Pesquisa de um grupo e as atividades desenvolvidas por seus pesquisadores deve ser realizada.

Falta ser realizada uma análise da produção do grupo para que se possa avaliar até que ponto as pesquisas desenvolvidas no grupo interferem nessas mudanças nas Linhas. Mas, talvez exatamente por causa da "flexibilidade" (como prefere Fensterseifer), ou "frouxidão" (como sugerido por Borges-Andrade) existente, se não no conceito, no uso de Linhas de Pesquisa, é que esteja ocorrendo este grande número de alterações ao longo dos anos.

2. Pesquisadores em AC

Sobre o total de pesquisadores pode ser dito que existem mais pesquisadores em AC que pesquisadores de fora da AC registrados nos grupos desta pesquisa. Os números não se alteram muito: o censo com maior número de pesquisadores é o de 2004, com 148 pesquisadores e o censo com o menor número de pesquisadores é o de 2000, com 139. Estes também são os censos com maior e menor número de pesquisadores em AC: 101 em 2004 e 91 em 2000 (Tabela 6). Levando em conta o número de pesquisadores, parece que somente alguns dos pesquisadores entram ou saem do grupo. Ou seja, os grupos têm uma população (pequena) flutuante e uma população (em maior parte) residente. Porém, outra pesquisa poderia investigar quais fatores são responsáveis pela existência dessa população flutuante.

Tabela 6: Numero de pesquisadores em AC e de pesquisadores de fora da AC, ao longo dos censos

Pesquisador	Total de Pesquisadores			
	Censo 2000	Censo 2002	Censo 2004	Censo 2006
Em AC	91	100	101	99
Outros	48	40	47	48
Total	139	140	148	147

Os pesquisadores que compõem esta pesquisa foram encontrados a partir de grupos registrados nos quatro censos. Sabe-se que estes não são todos os pesquisadores em AC existentes vinculados a grupos de pesquisa. Talvez uma pesquisa que buscasse todos os grupos de pesquisa com pesquisadores em AC em atividade no país pudesse revelar outro tipo de dado e, talvez, um número maior de pesquisadores em um mesmo grupo. De qualquer forma, 101 pesquisadores em AC (em 17 grupos) dentre o 2.259 pesquisadores (ambos no Censo 2004) registrados em grupos da área Psicologia[8] pode significar um número bastante alto para uma subárea da Psicologia que ainda não recebeu o reconhecimento como tal.

a) Titulação

Considerando, agora, a titulação dos pesquisadores analistas do comportamento dos grupos, observa-se investimento na sua formação (Figura 6). O número de doutores, no Censo 2006, teve um aumento de 32,7% em relação ao Censo 2000, um número muito maior que o aumento no total de pesquisadores (1,1%). O total de mestres, quando comparados o primeiro e o ultimo censo, diminui 57,1%. Existem pesquisadores graduados e com especialização, porém em menor número.

Tourinho (2006) afirma que, em 2004, o número de pesquisadores doutores, titulados em Psicologia, era 267. Desses, conforme esta pesquisa, cerca de 70 são pesquisadores em AC com o título doutorado. Isto significa que quase a quarta parte de pesquisadores doutores em Psicologia representam a AC em grupos de pesquisa.

Além da titulação, outro dado que seria importante é o ano em que os pesquisadores se titularam e quando se vincularam ao grupo. Isso ajudaria a ver se o aumento no número de doutores se deve à formação dos mestres. Seria possível, ainda,

[8] Sabe-se que os 2.259 não são todos da Psicologia. Existem pesquisadores de outras áreas do conhecimento registrados em grupos de pesquisa da área Psicologia

observar se os pesquisadores com graduação e especialização fazem parte da população flutuante ou se também se formaram e passaram a integrar o grupo como mestres.

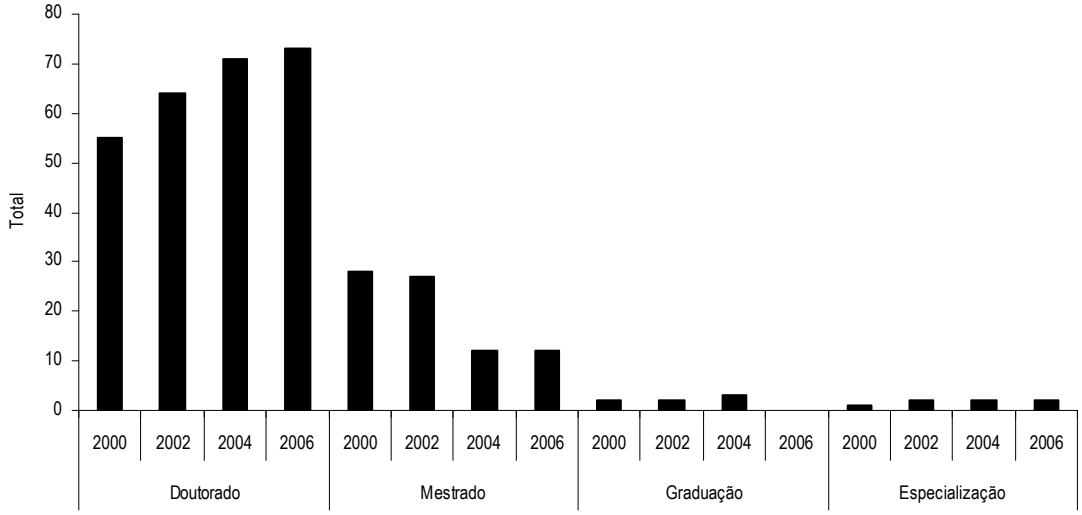


Figura 6: Titulação dos pesquisadores em AC ao longo dos censos

Uma comparação entre a titulação dos pesquisadores dos grupos que se mantêm em todos os censos e a titulação dos pesquisadores dos grupos que não se mantiveram registrados nos quatro censos pode dar pistas sobre a relevância deste fator para a manutenção dos grupos, haja vista que pesquisa com doutores recebem mais bolsa que pesquisa sem doutores.

b) Liderança

Pouca mudança também é observada em relação ao número de líderes. A Figura 7 representa o aumento ou diminuição no número de líderes que um grupo tem ao longo dos anos. Apesar de ser pequeno, observa-se um aumento no número de grupos com apenas um líder.

Dos 17 grupos que fazem parte desta pesquisa, oito apresentaram modificação na liderança[9] (Tabela 7) e um deles apresentou mais de uma modificação ao longo dos censos (*"Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento"*). Dentre as modificações na liderança encontra-se aumento (*"Pesquisa Comportamental em Odontologia"*) ou diminuição ("*Interação Social e Construção de Conhecimento"*,

[9] Neste trabalho, o termo *liderança* se refere ao conjunto de pesquisadores que representam o grupo, enquanto que o termo *líder* se refere ao pesquisador/individual.

"Núcleo de estudos de comportamento, cognição e ensino (ECCE)" e *"Saúde e Desenvolvimento Humano"*) no número de líderes e a troca de líderes *("Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comportamento"*, *"Bases da Psicologia na Educação"*, *"Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento"* e *"Núcleo de Pesquisa em Psicologia – LAEC"*). Os grupos que não apresentaram mudança nos líderes não estão representados nesta Tabela.

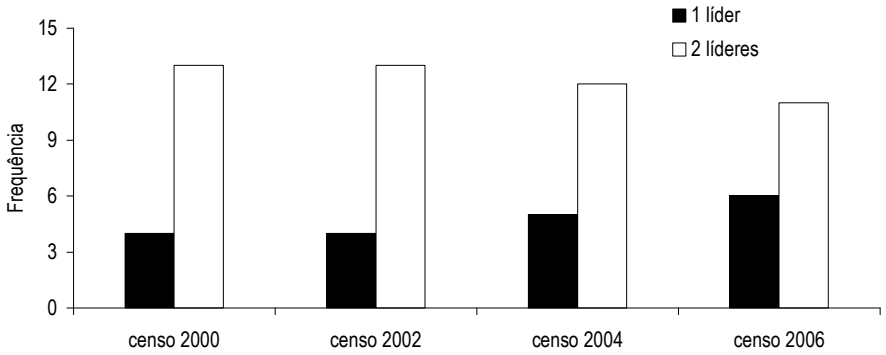


Figura 7: Total de Grupos de Pesquisa de acordo com o número de líderes, ao longo dos censos

Visando explorar mais a aumento, diminuição ou troca de líderes, também foi investigado se os líderes permaneceram no grupo (como pesquisadores) após a sua saída da liderança ou se, antes de serem líderes, eles estavam registrados como pesquisadores no grupo.

O que se observou foi que, no caso em que houve aumento do número de líder, o segundo líder já fazia parte do grupo como pesquisador. Dentre os três casos em que houve diminuição do número de líderes, somente em um dos grupos ("*Interação Social e Construção de Conhecimento"*) houve permanência do pesquisador no grupo. Sobre a liderança no grupo *"Núcleo de estudos de comportamento, cognição e ensino (ECCE)",* sabe-se do falecimento da líder do grupo, representada pela letra B.

Sobre os grupos que apresentam troca de líder, sabe-se que a saída da liderança também foi acompanhada pela saída do grupo em apenas um dos casos (*"*Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento"). O líder A ainda foi encontrado em 2002, apenas. O líder C não foi localizado em 2004, quando de sua saída, porém, estava registrado como pesquisador do grupo antes de sua entrada na liderança. Em todos os outros casos de troca de líderes, os pesquisadores que saíram da liderança

continuaram como pesquisadores e os que entraram na liderança já eram pesquisadores do grupo.

Tabela 7: Modificações ocorridas na liderança dos Grupos de Pesquisa em cada um dos censos pesquisados

Nome do Grupo	*Censo 2000*		*Censo 2002*		*Censo 2004*		*Censo 2006*	
	Líder 1	**Líder 2**	**Líder 1**	**Líder 2**	**Líder 1**	**Líder 2**	**Líder 1**	**Líder 2**
Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comportamento	A	B	C	A	C	A	C	A
Bases da Psicologia na Educação	A	B	A	B	A	B	B	C
Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento	A	B	C	B	D	B	D	B
Interação Social e Construção de Conhecimento	A	B	A	B	B	-	B	-
Núcleo de estudos de comp., cognição e ensino (ECCE)	A	B	A	B	A	B	A	-
Núcleo de Pesquisa em Psicologia – LAEC*	A	B	A	B	A	B	C	A
Pesquisa Comportamental em Odontologia	A	-	A	-	B	A	B	A
Saúde e Desenvolvimento Humano	A	B	A	B	B	-	B	-

*Grupo que apresenta mudança no nome

Sobre os grupos que apresentam troca de líder, sabe-se que a saída da liderança também foi acompanhada pela saída do grupo em apenas um dos casos (“Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento”). O líder A ainda foi encontrado em 2002, apenas. O líder C não foi localizado em 2004, quando de sua saída, porém, estava registrado como pesquisador do grupo antes de sua entrada na liderança. Em todos os outros casos de troca de líderes, os pesquisadores que saíram da liderança continuaram como pesquisadores e os que entraram na liderança já eram pesquisadores do grupo.

Dos 17 grupos pesquisados, 12 permaneceram apenas com analistas do comportamento na liderança e cinco tiveram pesquisadores de fora da análise do comportamento. O grupo “*Pesquisa Comportamental em Odontologia*”, apresentou dois líderes com registros na área Odontologia, mas ambos apresentam trabalhos em AC.

Segundo o CNPq, o líder deve ser um pesquisador que detém liderança acadêmica e intelectual dentro da área de investigação em que o grupo se insere. Ele é o responsável pela coordenação e planejamento das atividades desenvolvidas pelo grupo e indicado para juntar os esforços dos demais pesquisadores, apontando novas possibilidades e área de trabalho. Se isto realmente acontece, ter analista do comportamento como líder pode significar que a AC tem um certo peso no grupo, em

casos em que há pesquisadores de várias abordagens ou pesquisadores de áreas diferentes.

A mudança na liderança pode ser uma estratégia do grupo para alcançar novas áreas de pesquisa. Porém, observa-se que em todos os casos em que foi encontrada mudança de líderes, isto ocorre com apenas um dentre os dois que um grupo pode ter. O outro líder permanece nesta posição. Outras possibilidades para a mudança de líder podem ser: mudança do pesquisador para uma outra instituição, líder criando um outro grupo, aposentadoria.

3. Os grupos em Rede

Na presente pesquisa utilizou-se Grupos de Pesquisa como unidade de análise, porém, sabendo que as vinculações são estabelecidas pelos pesquisadores que integram os grupos e não necessariamente entre os grupos.

Para compor a Figura 8, (à página 32) os pesquisadores em AC do conjunto inicial de 17 grupos foram o foco. Entretanto, o objetivo é incluir, agora, grupos que não apareceram em todos os censos, mas que possuem pesquisadores em AC vinculados a pelo menos um grupo dentre os 17. A Tabela 8 mostra este novo conjunto.

Em Método (pág. 19), o conceito de rede citado foi o mesmo utilizado por Neiva e Corradi (2006): “Rede social consiste em um conjunto de atores e as relações entre esses atores” (p. 2). As autoras, pesquisadoras da área Psicologia Organizacional e do Trabalho do Instituto de Psicologia da UnB, adotam o termo ator como sinônimo de unidade de análise.

Na Figura 8, os quadrados numerados representam os 17 grupos investigados nesta pesquisa. Círculos numerados representam os grupos que, não apresentando continuidade nos censos, foram localizados a partir da busca realizada usando o nome dos pesquisadores em AC presentes nos 17 grupos. Um pequeno traço entre os quadrados e círculos separa os grupos de uma mesma instituição. Quando um grupo é encontrado somente em um censo, ele nunca deixará de aparecer na rede de vinculações dos censos seguintes: sua numeração não se altera mas ele fica escurecido.

Tabela 8: Relação dos nomes dos grupos e sua localização institucional de acordo com a numeração apresentada nas Figuras 5 e 7*

Número do Grupo	*Nome do Grupo*	*Instituição*
1	Doenças hepáticas e transplante de fígado	FAMERP
2	Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP**	FAMERP
3	Laboratório de Análise do Comp., Saúde e Reabilitação	PUCCAMP
4	Análise do Comp.: Pesquisa e Intervenção	PUCSP
5	Bases da Psic. na Educação	PUCSP
6	História da Psic.	PUCSP
7	Ciencias do ambiente	UCG
8	Núcleo de Pesquisa em Psic. – LAEC**	UCG
9	Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comp.	UEL
10	Análise do Comp.: Implicações Clínicas e Educacionais	UEL
11	Núcleo de Estudos da Aprendizagem, Desenvolvimento Humano e Escolarização	UEL
12	Investigação em Linguagem e Comp. Verbal	UFSC
13	Processos comportamentais em produção de conhecimento científico e em planejamento de ensino e de inst.	UFSC
14	Análise do comp. Operante Humano	UFSCar
15	Formação de Recursos Humanos e Ensino em Educação Especial - FOREESP	UFSCar
16	Interação Social e Construção de Conhecimento	UFSCAR
17	Intervenção com Famílias de Crianças e Jovens Especiais**	UFSCAR
18	Intervenção com Vítimas de Violência	UFSCAR
19	Núcleo de Estudos de Comp., Cognição E Ensino (ECCE)	UFSCAR
20	Processos Organizacionais	UFSCAR
21	Relações Interpessoais e Habilidades Sociais	UFSCAR
22	Formação Social do Sujeito	UGF
23	Análise Experimental do Comp.	UNB
24	Ecologia & Comp.	UNB
25	Saúde e Desenvolvimento Humano	UNB
26	Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comp.	UNESP
27	Estudo do Estresse, da Dor Orofacial e da Oclusão	UNICAMP
28	Pesquisa Comportamental em Odontologia	UNICAMP
29	Educação Especial Brasileira: Política, Gestão e Ação Educacional	UNIMEP
30	Estudos e pesquisas sobre interação Família – Escola**	UNIMEP
31	Comp. e Saúde	USP
32	Diagnostico e intervenção clínico-institucional comunitário e individual	USP
33	LAPSI - Laboratório de Psic Socioambiental e Intervenção	USP
34	Diagnóstico e Reabilitação dos Distúrbios da Fala, Linguagem, Audição e Deglutição**	UNESP
35	Nutrição, Desenvolvimento e Comp.	USP
36	Psicofarmacologia	USP
37	Ecologia e Comp. de Primatas Humanos e não Humanos	UCDB
38	Tecnologia Educacional	UFMT
39	Análise Experimental do Comp.	UFPA
40	Estilos Parentais	UFPR
41	Infância, Adolescência, Família e Sociedade	UFPR
42	Psic. da Dor, Saúde e Adversidade	UNB
43	A Análise Experimental do Comp., da Cognição e da Atenção em Humanos e Infra-Humanos	USP
44	Estudos Psicofisiológicos do Stress	PUCCAMP
45	Grupo de Pesquisa Aplicada a Intervenções Comunitárias e Clínicas	UCG
46	Neurociências e Comp.	UCG
47	Etologia e Neurociências	UFES
48	Processos Psicológicos e Saúde	UFES
49	Grupo de Estudos e Pesquisa em Endocrinologia, Metabolismo e Nutrição e suas Implicações na Saúde	UFG
50	Determinantes do Comp. Humano: o papel de regras, auto-regras, contingências e histórias comportamentais	UFPA
51	Economia solidária e cooperativismo popular	UFSCAR
52	Equivalência de Estímulos, Controle Instrucional e Comp. de Ouvir em Portadores de Implante Coclear	UFSCar
53	Trabalho, Organização Social e Comunitária	UFSCAR
54	Comp. do Consumidor - UnB	UNB
55	Inteligência, cognição social e relações interpessoais	UNESA
56	Educação e Acidentes	UNESP
57	Práticas Educativas e Processos Cognitivo-Comportamentais no Ensino e na Aprendizagem	UNESP
58	Gerontologia	UNICAMP
59	Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde Mental do Escolar	USP
60	Centro de Atenção Primária e Saúde da Família	USP
61	Intervir	FCMSCSP
62	Grupo de Intervenções Cognitivas	PUCRS
63	Análise do Comp.: metodologia e tecnologia de intervenção no contexto esportivo	UEL
64	Análise Experimental e Conceitual da História Comportamental	UEL
65	Avaliação Clínica e Abordagens de Tratamento em Saúde Mental	UEL
66	Análise do Comp. e Interação Social	UEL
67	Comp., Saúde e Qualidade de Vida	UFPA
68	Epistemologia da Psic	UFSCAR
69	Núcleo de Estudos de Motivação Acadêmica	UFSCAR
70	Aspectos modulatórios das emoções e aprendizagem	UNESP
71	GUTO - Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado	UNESP
72	Formação de Educadores	UNICEP
73	Centro de Pesquisas Audiológicas	USP
74	Comp. Verbal e Equivalência de Estímulos	USP
75	Pesquisas em Psic Pediátrica	USP

*A ordem neste conjunto é alfabética para as instituições.

** Grupo que apresenta mudança no nome

Os grupos encontrados foram organizados por ordem alfabética de acordo com o nome da instituição onde se localizam (Tabela 8). A numeração usada para representar os grupos não se altera ao longo dos censos, embora entre, a cada censo depois de 2000, numeração maior. Os grupos foram sendo numerados respeitando a ordem alfabética de acordo com o nome da instituição, primeiro, e, em seguida, do grupo.

Vale lembrar que a Figura 8 não representa todas as vinculações que os pesquisadores do grupo estabelecem, apenas os vínculos estabelecidos por pesquisadores em AC.

Quando dois grupos possuem ao menos um pesquisador em AC em comum, uma linha pontilhada liga os dois grupos. A linha tracejada é usada para mostrar quando dois grupos possuem dois pesquisadores em comum e a linha contínua mostra os grupos que possuem três ou mais pesquisadores em comum.

Em relação às instituições nas quais os grupos se localizam, em todos os censos existem mais universidades públicas que privadas. Em 2000 são oito públicas e cinco privadas. Em 2002, 11 instituições públicas e seis privadas. Em 2004, 13 públicas e sete privadas. Em 2006, 13 públicas e dez privadas. Dos seis grupos que saíram da rede em 2002, três estão em universidades privadas, porém, aparentemente não há relação entre grupos que saíram ou entraram na rede e a natureza administrativa da instituição. Apenas, instituições públicas possuem mais grupos de pesquisa registrados no CNPq que instituições particulares.

Observa-se, em segundo lugar, aumento no número de grupos que vão participando da rede na medida em que os anos passam. 33 grupos em 2000, 37 em 2002, 50 em 2004 e 52 em 2006.

Chama atenção o aumento de grupos de pesquisa em 2004. Sabe-se do acontecimento do congresso internacional da *Association for Behavior Analysis* (ABA) ao Brasil (Campinas-SP) neste ano, junto à ABPMC. Além disso, em 2002, o Diretório de Grupos de Pesquisa comemorou 10 anos de existência. Sabendo que datas comemorativas são oportunidades para uma avaliação geral e implantação de estratégias para melhoria das atividades desenvolvidas, os resultados podem ter sido observados em 2004. Mas, mesmo sabendo do congresso da ABA, no Brasil, e dos 10 anos de existência do DGP, não se pode afirmar que estes eventos expliquem o aumento de grupos neste ano. Uma análise mais cuidadosa é necessária.

É na instituição UFSCar que se encontra o maior número de grupos. Em 2000, são oito. Porém, em 2002, esse total passa a ser de seis. Volta a ter oito grupos em 2004 e, em 2006, apresentam-se dez grupos.

A USP, por sua vez, apresenta um grande aumento no número de grupos. Tem três grupos em 2000 e esse total vai aumentando com o passar dos anos e chega a oito em 2006.

É com o Grupo 19, ainda da UFSCar, que aparece o que, entre pesquisadores que trabalham sobre rede, tem recebido o nome de centralidade: atores (grupos, neste caso) com muitos laços (Hannemann, 2000): todos os seus pesquisadores se vinculam ou entre si ou com três outras instituições.

Os dois únicos grupos que aparecem sem pesquisadores em comum, no Censo 2000, são os 4 e 25, e assim continuam em 2002. Em 2004 o Grupo 4 apresenta dois pesquisadores em comum com o Grupo 6 e um com o Grupo 33 e em 2006 tem pesquisadores em comum com seis grupos. Os pesquisadores do Grupo 25, por sua vez, começam a se vincular aos Grupos 28 e 50 em 2004 e em 2006 também com os do Grupos 67 em 2006, mas todos da mesma instituição.

Dentre os pesquisadores que estão sendo acompanhados nesta pesquisa, observa-se que, apesar de ser claro o aumento dos grupos na rede e a vinculação entre pesquisadores, há ainda grupos dos quais pesquisadores deixam de participar. Em 2002 foram seis, aumentando para dez em 2004 e 23 em 2006. Contudo, há um aumento de grupos quase na mesma proporção em que há saída de grupos, se comparados os censos 2000 e 2006.

As relações em uma rede podem ser direcionais (quando há um transmissor e um receptor) ou não-direcionais (quando a relação é recíproca) (Parreiras, Silva, Matheus e Brandão, 2006). Na Figura 8, todas as relações são não-direcionais, uma vez que os integrantes dos grupos são registrados como pesquisadores. Para uma relação ser direcional, deveria haver um receptor e um transmissor. No caso do CNPq, o receptor é registrado como Estudante (mas estes não integram esta pesquisa).

Balancieri (2004) cita alguns fatores que contribuem para a colaboração em redes: colaboração em formação (relação entre orientador e orientando), colaboração teórica e experimental e produtividade e colaboração (pesquisadores produtivos geralmente colaboram mais). Entretanto, não puderam ser observados devido ao método utilizado, mas que podem ser analisados, em outras pesquisas, utilizando as informações

encontradas nos Currículos *Lattes* de estudantes e pesquisadores, mas contando, entretanto, com a possibilidade de encontrá-los desatualizados.

Outros fatores, por exemplo, a formação de redes devido à proximidade espacial, parecem ser facilmente identificadas. Grupos de uma mesma instituição geralmente têm pesquisadores em comum. Os grupos da UnB, da USP e da UFSC (oito, no total), em 2000, foram os únicos que não apresentaram pesquisadores em AC em comum com grupos da mesma instituição, mas apresentaram pesquisadores em comum com grupos de outra instituição. Entretanto, a UnB apresentou pesquisadores em comum com a Universidade Católica de Goiás. A USP, com universidades do estado de São Paulo. Os grupos da UFSC com a UEL.

Deve-se lembrar, no entanto, que não ter pesquisadores em comum registrados no CNPq não significa que pesquisadores de grupos localizados em uma mesma instituição não apresentem relações. Localização institucional já se configura uma unidade de análise para o estudo de redes de pesquisa (Balancieri, 2004; Neiva e Corradi, 2006).

Observa-se, ainda, que estar geograficamente distante não impede que grupos tenham mais de um pesquisador em comum. Em 2000, todos os grupos que têm mais de um pesquisador em comum estão em estados diferentes: o Grupo 32, da USP, tem três pesquisadores em comum com o Grupo 9, da UEL; o grupo 10, da UEL, tem dois pesquisadores em comum com o Grupo 14, da UFSCar; o Grupo 19, da UFSCar, tem três pesquisadores em comum com o Grupo 23, da UnB. Ainda existem, já em 2000, grupos do mesmo estado com mais de um pesquisador em comum.

A interdisciplinaridade (outro fator que contribui para a formação de rede), aparentemente pode ser analisada quando se compara os nomes dos grupos que têm pesquisadores em comum e a área predominante. A FAMERP, por exemplo, aparece com dois grupos apresentando os nomes “Doenças hepáticas e transplantes de fígado” (grupo registrado na área Medicina) e “Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP” (registrado na área Psicologia) e com um pesquisador em AC em comum em todos os censos.

O Grupo 28, da Unicamp, com nome “Pesquisa Comportamental em Odontologia”, registrado na área Odontologia, em 2000 tinha dois pesquisadores em comum com o Grupo 27 (Estudo do estresse, da dor orofacial e da oclusão), também da Unicamp e registrado na área Odontologia. Na medida em que os anos passam, novas

vinculações vão sendo estabelecidas com grupos da Psicologia, como o Grupo 25 (Saúde e desenvolvimento humano), da UnB.

O Grupo 5, que em 2000 apresenta relações com o grupo 6, da mesma instituição, está vinculado à área Educação, enquanto o Grupo 6, à Psicologia. Contudo, a palavra Psicologia é encontrada no nome dos dois grupos.

Ainda podem ser observados grupos de uma mesma instituição que, considerando seus nomes, pode-se afirmar que estudam fenômenos parecidos, até certo ponto, como é o caso dos Grupos 27 e 28, da Unicamp (ambos registrados na Odontologia). Os Grupos 9, 10 e 11, da UEL, também são grupos que possuem temas bastante parecidos (e preocupados com intervenção). Aparentemente, os pesquisadores com afinidade entre temas de pesquisa tendem a se agrupar.

Outros fatores que podem contribuir para a formação de redes, segundo Balancieri (2004), são: a maior confiança que a quantidade de colaboradores inspira, nível de especialização e compartilhamento de recursos e reconhecimento. Porém, dentre os fatores citados pelo autor, estes são mais complicados, porque é mais difícil acessar informações para estudá-los.

A Figura 8 ainda chama atenção pelo grande número de grupos que compartilham apenas um pesquisador em todos os quatro censos. Sete grupos (dois a dois) compartilham dois pesquisadores (14/10, 14/12, 21/22 e 27/28 – apenas os dois últimos da mesma instituição) e outros seis grupos (também dois a dois) têm três pesquisadores em comum (23/8 e 23/19). Em 2002 encontram-se três grupos com três pesquisadores em comum e dois grupos com cinco pesquisadores em comum. Em 2004 e 2006 não há muita mudança em relação ao total de grupos com um, dois ou três pesquisadores em comum.

Alguns fatores sobre os grupos da UFSCar chamam atenção. Um deles é o número de grupos localizados nesta instituição. Outro se refere ao número de pesquisadores em comum entre eles (apenas um grupo não têm pesquisadores registrados também em outro grupo da UFSCar). A atipicidade do grupo 19 em relação ao grande número de pesquisadores e a atipicidade dos três grupos da UFSCar com um pesquisador em mais de três grupos são outras especificidades dos grupos localizados nesta instituição.

Analisando os nomes dos 13 grupos localizados na UFSCar, observa-se, por exemplo, a existência de nomes parecidos, como na vinculação entre pesquisadores dos Grupos 15, 17 e 19, em que dois deles apresentam a palavra “ensino” no nome e, ainda

o 15 que apresenta o termo “educação especial”, enquanto o 17 apresenta a expressão “crianças e jovens especiais” e o 19 apresenta o termo “cognição”. O mesmo acontece entre os grupos 16 (preocupado, entre outras coisas, com a construção de conhecimento) e o grupo 19 (com o termo “ensino”). Entre os Grupos 17 e 18 aparece, em comum, o termo “intervenção”.

O grande número de vinculações que os pesquisadores do Grupo 19 já estabelecem em 2000 mostra um pouco como este grupo já estava estabelecido. Somada a todas as relações que deve ter estabelecido durante sua existência, talvez isso tenha servido de modelo para a criação de outros grupos de pesquisa nesta mesma instituição.

Uma outra pesquisa poderia ser realizada para investigar se os pesquisadores que estão apenas em um dos grupos da UFSCar já estiveram registrados em outros desta instituição. Talvez se pudesse encontrar resultados que ajudassem a prever o que pode acontecer com outros grupos, de outras instituições.

4. Pesquisadores em Rede

Para visualizar a vinculação dos pesquisadores a grupo ou grupos, o programa *UCINET For Windows* permitiu os grafos mostrados na Figura 9. Estão neles representados separadamente os quatro censos, tendo como ponto em comum os grupos de pesquisa, por sua vez representados por triângulos numerados (conforme Tabela 8 pág. 32). Cada círculo representa um pesquisador que foi classificado como analista do comportamento, conforme procedimento descrito em Método. As linhas mostram a vinculação dos pesquisadores.

Alguns eventos podem ser vistos ao longo dos anos: quais são os pesquisadores que estão registrados em apenas um grupo; quem são os pesquisadores que estão registrados em mais de um grupo; e a quantidade de pesquisadores em AC de cada grupo.

O Grupo 4, apesar de não ter pesquisadores em comum com outros grupos, está entre aqueles que possuem maior número de pesquisadores em AC, em 2000. À frente dele, neste mesmo ano, apenas os Grupos 19 e 8. Mas chama atenção a quantidade de pesquisadores do Grupo 4 registrados em outros grupos, em 2006. Apesar de passar os dois primeiros censos com pesquisadores registrados unicamente nele, o Grupo 4 chega ao Censo 2006 com sete dos 16 pesquisadores vinculados a seis grupos diferentes.

O total de pesquisadores da AC no Grupo 25 não se altera até o Censo 2004, quando começa a ter pesquisadores se vinculando a outros grupos. Em 2006 o número de pesquisadores em AC do grupo diminui para dois.

O Grupo 19, com o maior número de pesquisadores em 2000, apresenta também o maior número de pesquisadores vinculados a outros grupos, em todos os censos pesquisados. Seis pesquisadores estão registrados em outros cinco grupos em 2000. Importante observar que dois desses pesquisadores estão em três grupos e três pesquisadores estão no Grupo 19 e 23 ao mesmo tempo. O numero de pesquisadores que participam desses dois grupos aumenta em 2002, porém, o Grupo 23 não foi mais localizado no Censo 2006.

Seria importante analisar as Linhas de Pesquisa de que participam os pesquisadores que estão nos Grupos 19 e 23 participam. Este poderia ser um dos fatores que unem tantos pesquisadores.

Um dos fatores que faz com que o CNPq considere atípico um grupo é, entre outras coisas, a presença de 11 ou mais pesquisadores[10]. O Grupo 19 apresenta, em 2000, 12 pesquisadores e esse número aumenta a cada censo, junto com o número de vinculações que os pesquisadores vão estabelecendo. O Grupo 4, em 2000 tinha nove pesquisadores, porém, ao longo dos censos esse número aumenta (chega a 16, em 2006), assim como as vinculações que os pesquisadores estabelecem. O Grupo 8 possui dez pesquisadores em 2000 e, assim como os Grupos 19 e 4, o número de pesquisadores e de vinculações que vão estabelecendo no decorrer dos censos, aumentam.

Se a vinculação entre pesquisadores de diferentes grupos for uma boa medida para avaliar a produção de um grupo, esta atipicidade parece não atrapalhar, uma vez que a colaboração favorece o alcance de objetivos de pesquisa, aquisição de novas habilidades e conhecimento e otimização de recursos materiais e financeiros (Balancieri, 2004).

Vale ainda lembrar que o Grupo 19 é o mais antigo e que apresenta grande número de pesquisadores em AC (ver Tabela 3, pág. 21) em todos os censos. Levando em conta a possibilidade de este grupo ser o mais antigo em que a preocupação maior dos pesquisadores é a AC e o tempo em que permaneceu o único no país, isto justificaria a quantidade de pesquisadores de outras instituições e de diferentes regiões do país estarem a ele vinculados.

---

[10] http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/faq.html - *Data de acesso* 05/03/2009

Outro fator que faz com que o CNPq considere um grupo como atípico é a participação de um pesquisador em mais de três grupos. É o que acontece com um pesquisador em 2002 (em grupos localizados em três instituições – UnB, UCG e UCDB), em 2004 (em um grupo localizado na UFSC e três na UFSCar) e com dois pesquisadores em 2006 (um deles está em grupos localizados em três instituições – UEL, UFSC, UFSCar – enquanto o outro pesquisador é o mesmo que está vinculado a quatro grupos em 2004).

Acompanhando, ao longo dos anos, os grupos com o maior número de pesquisadores em AC no Censo 2000, além dos Grupos 4 e 19, já analisados, encontra-se o Grupo 8, da UCG e o 14, da UFSCar. Vale comentar que os Grupos 4 e 14 possuem o mesmo número de pesquisadores em AC, em 2000.

O Grupo 8, localizado na UCG, se apresenta com dois pesquisadores se relacionando com outros quatro grupos e, na medida em que os anos vão passando, há um aumento nas relações que os pesquisadores estabelecem. Porém, em 2006 todos os pesquisadores estão registrados apenas neste grupo. Nota-se ainda particularidades neste grupo: há um grande número de pesquisadores registrados em três ou mais grupos e, ainda, há mais de um pesquisador vinculado a outros grupos em quase todos os censos, exceto 2006.

Quanto ao Grupo 14, da UFSCar, apresentava três pesquisadores, dos nove em AC, se relacionando-se com outros três grupos. Este é o único grupo que não apresenta pesquisadores em comum, registrados no DGP, com outros pesquisadores da mesma instituição. O número de pesquisadores em AC cai para seis, em 2002 e para cinco em 2004. Somente em 2006 vai aparecer um aumento marcante nas vinculações dos pesquisadores.

Os grupos que apresentam apenas um pesquisador em AC são os 16 e 20. O pesquisador do primeiro se mantém vinculado ao Grupo 19 em todos os censos. O pesquisador do segundo apresenta vínculo apenas com o Grupo 13 até 2002. A partir de 2004 ele começa a se vincular com outros dois grupos de pesquisa (51 e 53).

Em um trabalho realizado sobre redes de intercâmbio em pesquisa educacional, Gatti (2005) inicia o texto afirmando: “O pesquisador não trabalha sozinho, nem produz sozinho” (p. 124). Tal afirmação é feita para apresentar a idéia de que trabalho em equipe é uma condição essencial para a produção e avanço da ciência. Para a autora, a relação entre pesquisadores é importante por tornar possível um avanço mais criterioso e crítico de um trabalho teórico, metodológico ou inferencial. Ainda, para aqueles que

estão iniciando a atividade de pesquisa, trabalho em redes é fundamental para a formação profissional, que acontece por meio de interlocuções, interfaces, participação em grupos de trabalho e na convivência com pesquisadores mais experientes.

Esta parece ser uma forma de trabalhar que pesquisadores em AC também estão adotando. Se esta relação entre pesquisadores está acontecendo de forma planejada, não se sabe, mas se de fato elas ocorrem, a análise do comportamento produzida no Brasil poderá ganhar em qualidade.

Com o método utilizado é arriscado falar sobre tendência, porém, pode ser observado um aumento no número de vinculação que os pesquisadores estão estabelecendo.

Com exceção dos grupos da FAMERP, todos os outros estão localizados em instituições com Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia. Somado ao grande número de pesquisadores com título de doutor, pode-se dizer que grande parte dos pesquisadores encontrados são, também, professores em Programas de Mestrado e Doutorado.

Considerações Finais

O CNPq se mostrou uma boa base de dados sobre quem são os pesquisadores em AC, onde estão, sobre o que publicam e com quem pesquisam. Porém, não foram analisadas, nesta pesquisa, publicações conjuntas ou entrevistas que pudessem dizer algo sobre as vinculações entre pesquisadores, conforme encontrado nesta pesquisa.

Falta, ainda, verificar como estas vinculações ocorrem (se um pesquisador se vincula a um grupo por causa de Linhas de Pesquisa; se um pesquisador se aproxima de outro, em específico; ou se ocorre apenas compartilhamento de equipamento), ou se realmente ocorrem essas relações entre pesquisadores.

Não é possível descrever, a partir do CNPq, todas as relações estabelecidas em um grupo ou todos os benefícios que a organização de pesquisa no formato de grupos de pesquisa possibilita. Apesar do conceito de Rede conter o termo "relação", "vinculação" foi um termo mais adequado para expressar o que o ocorre entre pesquisadores e grupos de pesquisa registrados no CNPq. "Relação" diz de comportamentos que, a partir do CNPq, não é possível detectar. Além disso, durante a análise do Currículo *Lattes* dos pesquisadores, algumas dificuldades encontradas precisaram ser superadas. Pesquisadores registram informações de formas diferentes. Geralmente, no título do trabalho não é encontrada a abordagem do autor. Com a ausência de associações científicas específicas em Análise do Comportamento no Brasil, afirmar se trabalhos apresentados na ABPMC são de enfoque analítico comportamental não foi possível.

Outro problema que esta pesquisa teve refere-se à desatualização das informações coletadas. Sabe-se que isto ocorreu em alguns dos currículos de pesquisadores e grupos.

Grupos de pesquisa se mostram uma forma eficiente de juntar esforços em uma mesma direção. Apesar de existirem grupos que apresentaram mudanças nas Linhas, existem, também, grupos que continuaram com a mesma Linha por pelo menos 6 anos.

Grupos de pesquisa são um bom facilitador da produção científica por possibilitar o encontro constante para o **desenvolvimento** de pesquisas (a maioria dos pesquisadores estão em uma mesma instituição), ao contrário de associações científicas, que, além de espaçadas no tempo, tem como principal objetivo a **discussão** de pesquisa. Porém, falta avaliar a produção dos grupos.

Ao mesmo tempo, grupos de pesquisa não precisam estar envolvidos com a representatividade da área, apenas com o seu desenvolvimento. Associações científicas e grupos poderiam caminhar juntos, visando o reconhecimento da análise do comportamento como uma subárea da Psicologia.

De acordo com os dados obtidos, a Análise do Comportamento no Brasil tem hoje pesquisadores titulados, em contato com outros pesquisadores (também titulados), formando profissionais e outros pesquisadores em AC.

As listas inicias, com os grupos encontrados a partir da busca por palavras-chave e nome de pesquisadores, sugerem que, nesta pesquisa, apenas uma pequena parte dos pesquisadores foram acompanhados. Muitos outros ainda estão espalhados, geograficamente, pelo país. Talvez seja o momento de planejar relações com grupos de várias regiões do país, visando a difusão e melhoria da análise do comportamento produzida no país.

Referências

Andery, M. A. P. A, Micheletto, N., Sério, T. M. A. P. (1999). Pesquisa histórica em análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 8, 2, 137-142.

Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (2006) *Estatuto Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental* [*on line*]. Brasília, D.F: Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Disponível em: www.abpmc.org.br. Acessado em junho de 2007.

Balancieri, R. (2004). *Análise de Redes de Pesquisa em uma Plataforma de Gestão em Ciência e Tecnologia: uma aplicação à Plataforma Lattes.* Dissertação de Mestrado do Programa Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Bernstein, S., Milza, P. (1999). Em A. Chauveau e P. Tétard (org.) Conclusão. Em A. Chauveau e P. Tétard (org.) *Questões para a História do Presente*. Tradução organizada por Ilka Stern Cohen, 1ª Edição, pp. 127 – 130 (Originalmente publicado em 1992).

Borgatti, S.P., M.G. Everett, and L.C. Freeman. (1999). *UCINET 6.0 Version 1.00*. Natick: Analytic Technologies.

Borges-Andrade, J. E. (2003). Em Busca do Conceito de Linha de Pesquisa. *Revista de Administração Contemporânea. 7,* 157 – 170.

Botomé, S. P. (2006). Contribuições, Participação, Organização e Representação da Análise Experimental do Comportamento nos Eventos e na Organização da Psicologia no Brasil: A ABPMC como e ponto de partida. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 6, 2, p. 217-231.

Camino, Leôncio; Schliemman, Analucia Dias (1988): *Avaliação geral dos trabalhos apresentados no I Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da*

Anpepp: como vai a pesquisa em Psicologia no Brasil?, Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Anpepp, pag. 275-278. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.

Chauveau, A., Tétart, P. (1999) Questões para a História do Presente. Em A. Chauveau e P. Tétard (org.) *Questões para a História do Presente*. Tradução organizada por Ilka Stern Cohen, 1ª Edição, pp. 7 – 37 (Originalmente publicado em 1992).

Coleman, S. R. (1995). The Varied Usefulness of History, with Specific Reference to Behavior Analysis. Em: E. K. Morris, J. T. Todd, (org.)*Modern Perspectives on B. F. Skinner and Contemporary Bevariorism*. (pp. 129 – 147) Westport, Connecticut. Greenword press.

Diretório de Grupos de pesquisa. *O que é o Diretório dos Grupos de Pesquisa?* Disponível em http://www.cnpq.br/gpesq/apresentacao.htm#p1. Acessado em março de 2009

Diretório de Grupos de pesquisa. *Perguntas Freqüentes*. Disponível em http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/faq.html. Acessado em março de 2009

Fensterseifer, J. E. (2003). Comentários sobre Em Busca do Conceito de Linha de Pesquisa e outras Reflexões sobre o Tema. *Revista de Administração Contemporânea, 7*, 171 – 176.

Freitas Júnior (2003) *Um Modelo de Sistema de Gestão do Conhecimento para Grupos de Pesquisa e Desenvolvimento*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina.

Gatti, B. A. (2005). Formação de Grupos e Redes de Intercâmbio em Pesquisa Educacional: dialogia e qualidade. *Revista Brasileira de Educação, 30*, 124 – 132.

Goaryeb, R. (1991). *História da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto* [*on line*]. Em: www.sbponline.org.br. Acessado em setembro de 2007.

Guedes, M. C. (2004) *Para uma história da ANPEPP* [*on line*]. Disponível em: http://www.anpepp.org.br/index-GruposIXeX.htm. Acesso em junho de 2007.

Guimarães, R., Lourenço, R., Cosac, S. (2001). A pesquisa em epidemiologia no Brasil. *Revista Saúde Pública*, 35, 4, p. 321-40

Hanneman, R. A. (2000). *Introducción a los métodos del análisis de redes sociales*. (Traduzido por M. A. Petrizzo, A. Quiroga, J. L. Molina, L. Aliaga, R. Rios, A. F. Rua). Universidade da Califórnia, Riverside. (Originalmente publicado em 2000)

Hobsbawm, E. (2007). *Sobre História.* Tradução organizada por Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1997).

Macedo, R. M. S. (1994) *Anpepp: um pouco de história*. Anais do 5º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Anpepp, p. 19-28. Caxambú: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.

Martinelli, J. C. M., Cândido, G. V., Chequer, M. A. A. (2007) Grupos de pesquisa em Psicologia Comportamental no Estado de Minas Gerais. Em: E. N. P. Cillo, M. R. M. Santos, (org.),*Ciência do Comportamento: conhecer e avançar,* v.6, p. 139-159.

Matos, M. A. (1986). Características da análise do comportamento no Brasil. *Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, out, 336-340.

Morris, E. K., Todd, T. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., Johnson, L. M. (1995). Some Historiografy of Behavior analysis and some Behavior analysis of historiography. Em: E. K. Morris, J. T. Todd, (org.) *Modern perspectives on B. F. Skinner and contemporary bevariorism*. (pp 195 – 215) London: Greenword press.

Moura, M. L. S. (2002). *Treze Anos de Grupos de Trabalho nos Simpósios da Anpepp: algumas tendências e evidencias de promoção de maior integração*. Anais do 9º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Anpepp, p. 19-32. Águas de Lindóia: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.

Neiva, E. R., Corradi, A. A. (2006) *Redes Sociais de Pesquisa em Psicologia: análise de redes sociais de pesquisadores da pós-graduação em Psicologia no Brasil.* Projeto de Pesquisa, UnB, Brasília.

Parreiras, F. S., Silva, A. B. O., Matheus, R. F., Brandão, W. C. (2006) REDECI: colaboração e produção cientifica em ciência da informação no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação, 11*, 302 – 317.

Prado, S. D., Sayd, J. D. (2004) A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. *Ciência &.Saúde Coletiva*, 9, 1, p. 57-67.

Rapini (2007) O Diretório dos Grupos de Pesquiza do CNPq e a Interação Universidade-Empresa no Brasil: uma proposta metodológica de investigação. *Economia Contemporânea.* 11, 1, p 99-117

Rioux, J. P. (1999). Entre história e jornalismo. Em A. Chauveau e P. Tétard (org.) *Questões para a História do Presente*. Tradução organizada por Ilka Stern Cohen, 1ª Edição, pp. 119 – 126 (Originalmente publicado em 1992).

Rubiano, M. R. B. (2005). *Apresentando a Sociedade Brasileira de Psicologia* [*on line*]. Em: www.sbponline.org.br. Acessado em setembro de 2007.

Schliemann, A. D., Falcão, J. T. R. (1988) *Apresentação*. Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Anpepp, p. 11-12. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.

Tourinho, E, Z. (2006) Organização e Representação da Comunidade Científica em Análise do Comportamento no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6, 2, p. 232-236.

ANEXO

ANEXO 1

Relação dos grupos com pesquisadores em AC encontrados a partir da busca pelas três palavras-chave

Nome do grupo
Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comportamento
Análise do comportamento operante humano
Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção
Análise Experimental do Comportamento - UnB
Bases da Psicologia na Educação
Comportamento e Saúde
Diagnostico e intervenção clínico-institucional comunitário e individual
Educação em Ciências e Saúde
Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento
Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP
História da Psicologia
Interação Social e Construção de Conhecimento
Investigação em Linguagem e Comportamento Verbal
Laboratório de Psicologia Sócio-Ambiental e Intervenção
Núcleo de Estudos da Aprendizagem, Interações e Desenvolvimento Humano
Núcleo de estudos de comportamento, cognição e ensino (ECCE)
Núcleo de Pesquisa em Psicologia - LAEC
O Papel do Professor na Universidade Contemporânea à Luz da Análise do Discurso Pedagógico
Pesquisa Comportamental em Odontologia
Processos comportamentais em produção de conhecimento científico e em planejamento de ensino e de instituições
Processos de Saúde e Desenvolvimento Humano
Processos Organizacionais
Relações interpessoais e habilidades sociais
Saúde e Desenvolvimento Humano
Ser humano em desenvolvimento

ANEXO 2

Relação de grupos encontrados a partir da busca por pesquisadores com Tese e/ou Dissertação em AC

Nome do Grupo
A Análise Experimental Do Comportamento E Da Cognição Em Humanos E Infra-Humanos - USP
A Análise Experimental Do Comportamento, Da Cognição E Da Atenção Em Humanos E Infra-Humanos - USP
A formação do leitor: processos e estratégias - UNESP
Adolescente: concepções e questões emergentes - PUC/SP
Alimentos, Nutrição e Comportamento - UNAERP
ALLE- Alfabetização, Leitura e Escrita - UNICAMP
Alternativas de Atendimento Psicológico na Análise do Comportamento - UEL
Análise Bio-comportamental - USP
Análise do Comportamento e Interações Sociais - UEL
Análise do Comportamento: História, Conceitos e Aplicações - UFPA
Análise do Comportamento: Implicações Clínicas e Educacionais - UEL
Análise do Comportamento: metodologia e tecnologia de intervenção no contexto esportivo - UEL
Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção - PUC/SP
Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção - UFPA
Análise Experimental do Comportamento - UFPA
Análise Experimental do Comportamento - UnB - UNB
Análise Experimental do Comportamento e Psicobiologia - UEL
Análise Experimental e Conceitual da História Comportamental - UEL
Aplicações da Análise do Comportamento na Área de Saúde - UFPA
Aprendizagem e Ação Docente - UNIOESTE
Aprendizagem e mediação pedagógica - UNB
Aprendizagem Organizacional - UCB-DF
Aprendizagem Significativa na Formação de Profissionais de Saúde e Educação - USP
Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde Mental do Escolar - USP
Aprendizagem, escolarização e desenvolvimento humano - UNB
Aprendizagem: uma leitura do acontecer no grupo operativo. - UFC
Arte, Educação e Sociedade - PUC/SP
Aspectos modulatórios das emoções e aprendizagem - UNESP
Avaliação Clínica e Abordagens de Tratamento em Saúde Mental - UEL
Avaliação da Linguagem e Fala - UNESP
Avaliação da Linguagem, Fala e Deglutição - UNESP
Bases da Psicologia na Educação - PUC/SP
Biologia do Desenvolvimento - UNIARARAS
Caminhos da subjetivação na modernidade e contemporaneidade: caracterizações psico-analíticas - UNB
Centro de Atenção Primária e Saúde da Família - USP
Centro de Pesquisa em Alimentação Saudável - CASA - UNB
Centro de Pesquisas Audiológicas - USP
Ciência do Comportamento e da Cognição - UFMG
Ciências do Esporte - UFMS
Clínica Fonoaudiológica - UNIMEP
Clínica Terapêutico-Fonoaudiológica: A grupoterapia em questão - UNIMEP
Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano - UFPR
Comportamento do Consumidor - UNB
Comportamento e Saúde - USP
Comportamento Exploratório - USP
Comportamento Verbal e Equivalência de Estímulos - USP
Comportamento, Saúde e Qualidade de Vida - UFPA
Comunidade, Família e Saúde - UFBA
Constituição do sujeito no contexto escolar - CUML
Contexto escolar e processo de ensino aprendizagem: ações e interações - UNOESTE
Contextos sociais de desenvolvimento: Aspectos evolutivos e culturais - USP
Controle aversivo - USP
Corporeidade e suas relações histórico-culturais - UNIOESTE
Corporeidade: epistemologia, cultura, identidade e educação (GEPC) - UNIOESTE

Cultura, Saberes e Práticas em Saúde - UECE
Deficiencia: interações familiares - USP
Desenvolvimento Farmacêutico - UNIUBE
Desenvolvimento Humano - UEL
Desenvolvimento Humano - UFPB
Desenvolvimento Humano e Educação - UNIT
Desenvolvimento Humano e Educação - UNIT
Desenvolvimento Sustentável - Política e Gestão Ambiental - UNB
Desenvolvimento Sustentável do Agronegócio - UFMS
Desenvolvimento, linguagem e práticas educativas - UNICAMP
Determinantes do Comportamento Humano: o papel de regras, auto-regras, contingências e histórias comportamentais - UFPA
Determinantes do comportamento humano: o papel de regras, auto-regras, contingências e histórias de reforço. - UFPA
Diagnostico e intervenção clínico-institucional comunitário e individual - USP
Diagnóstico e Reabilitação dos Distúrbios da Fala, Linguagem, Audição e Deglutição - UNESP
Direitos Humanos, Direito à Saúde e Família - UCSAL
Doenças hepáticas e transplante de fígado - FAMERP
Doenças intestinais, hepáticas e transplante de fígado - FAMERP
Economia solidária e cooperativismo popular - UFSCAR
Educação do Aluno Especial - UFPB
Educação e acidentes - UNESP
Educação em Ciências e Saúde - UEL
Educação Especial - UFSCAR
Educação Especial Brasileira: Política, Gestão e Ação Educacional - UNIMEP
Educação Especial: contextos de formação e práticas pedagógicas - UNESP
Educação para uma vida plena - UNG
Educação Pública, História e Sociedade - UFMS
Educação, Infância e Corporeidade - UNIOESTE
Engenharia e Garantia de Qualidade de Software - UNESP
Ensino de Química - UNB
Ensino de Química e Prática Docente - UNB
Epistemologia da Psicologia - UFSCAR
Equivalência de Estímulos, Controle Instrucional e Comportamento de Ouvir em Portadores de Implante Coclear - UFSCAR
Equivalência e Leitura Recombinativa - MACKENZIE
Estado,Sociedade e Educação - UNIFOR
Estilos Parentais - UFPR
Estudo da Psicologia em Desenvolvimento humano e seus transtornos: prevenção, avaliação e intervenção - USC
Estudo do Estresse, da Dor Orofacial e da Oclusão - UNICAMP
Estudos da Cognição e Aprendizagem - UNICID
Estudos de Marx - UNIOESTE
Estudos e Pesquisas sobre a Atenção à Pessoa com Deficiência - UNESP
Estudos e pesquisas sobre interação Família - Escola - UNIMEP
Estudos Etológicos das Interações Sociais Relevantes para o Desenvolvimento - UFPA
Estudos sobre Aspectos Psicológicos para Tratamento e Prevenção - UNICASTELO
Estudos sobre o Deficiente, a Educação Especial e o Idoso - UFS
Estudos sobre o Portador de Deficiência, a Educação Especial e o Idoso - UFS
Família e desenvolvimento humano - UCSAL
Família e Interação Social - UNICAP
Filosofia e Teoria Psicanalítica - UFMG
Fisiologia da Nutrição - UFPE
FisioterapiaUSP - USP
Formação de Professores e Cotidiano Escolar - PUC/SP
Formação de Recursos Humanos e Ensino em Educação Especial - FOREESP - UFSCAR
Formação do Professor Universitário - PUC/SP
GeNeC - UFMG - Grupo de Estudo em Neurociência Comportamental e Molecular - UFMG
GEPEB - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Burnout - UEM
Gerontologia - UNICAMP

Gestão de Negócios - UNIVALI
Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência e Ensino - UNICAMP
Grupo de Estudos de Desenvolvimento e Saúde Mental Infantil e adolescente - USP
Grupo de Estudos de Sistemas de Transporte e Tráfego na Amazônia - UNAMA
Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento - UNESP
Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciências da Educação Física - UNIMES
Grupo de Estudos e Pesquisas em Epistemologia da Psicologia - UNESP
Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde - UNAMA
Grupo de História e Filosofia da Ciência - UNINOVE
Grupo de Intervenções Cognitivas - PUC/RS
Grupo de Pesquisa em Análise do Comportamento (GPAC) - UFMA
Grupo de Pesquisa em Avaliação Psicológica - UNG
Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Social - UNIFACS
Grupo de Pesquisa em Ensino De Ciências - UNESP
Grupo de Pesquisa em Neurobiologia da Memória, Antecipação e Atenção - USP
Grupo de Pesquisa em Psicologia Experimental - UMESP
Grupo de Pesquisa em Unidades de Conservação - PUC/SP
Grupo de Pesquisa Experimental - Saúde e Meio Ambiente - UNAMA
Grupo de pesquisa, planejamento e avaliação em Educação e Psicologia - UFS
Grupo de Psicologia da Saúde da FAMERP - FAMERP
Grupo Terapêutico-Fonoaudiológico - UNIMEP
GUTO - Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado - UNESP
História da Psicologia - PUC/SP
História da Psicologia e contexto sócio-cultural - UFMG
Humanidades, Saberes e Práticas em Saúde - UECE
Impacto da Violência sobre o Desenvolvimento Humano: Prevenção e Intervenção - UFSCAR
Índice de desenvolvimento Humano e Violência - UNESPAR
Infância, Adolescência, Família e Sociedade - UFPR
Informática- Alternativa Pedagógica para a Educação Especial - USP
Informática e Análise Experimental na Educação Especial - UNESP
Inteligência, cognição social e relações interpessoais - UNESA
Interação Social e Construção de Conhecimento - UFSCAR
Intervenção com Famílias de Crianças e Jovens Especiais - UFSCAR
Intervenção com vítimas de violência - UFSCAR
Intervenção e Prevenção com Famílias - UFSCAR
Intervenção e prevenção com famílias especiais - UFSCAR
Intervir - FCMSCSP
Investigação em Linguagem e Comportamento Verbal - UFSC
Laboratório de Análise do Comportamento, Saúde e Reabilitação - PUC-CAMPINAS
Laboratório de Análise Experimental Do Comportamento - LAEC - UCG
Laboratório de Cronobiologia - UFRN
Laboratório de estudos do comportamento de insetos sociais - UFPA
Laboratório de estudos dos processos cognitivos - MACKENZIE
Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Interação Humana e Contemporaneidade - UEM
Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff - LAPED - UFMG
LAPSI - Laboratório de Psicologia Sócio-Ambiental e Intervenção - USP
Leitura : memória e práticas de leitura - UEL
Linguagem, Literatura e Ensino - UNIVALI
Mastologia Multidisciplinar - FMTM
MID - Grupo de Pesquisa sobre Marginalização e Inclusão Social e Escolar da Pessoa Deficiente - MACKENZIE
Modelos de Intervenção em Análise do Comportamento - UEL
Movimento humano: estudo da função e biomecânica - USP
Movimentos sociais, violência e cultura. - UFPA
Neoplasias pré-invasivas e invasivas do colo uterino - FMTM
NEPENC - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Neuropsicologia Cognitiva - UENF
Neurobiologia Celular - USP
Neurobiologia Comparativa - UNICID
Neurobiologia Comparativa dos Ajustes Reflexos - UNICID
Neurobiologia da Ansiedade - UFSC
Neurobiologia da Ansiedade e da Depressão - UFSC

Neurobiologia da Cognição - USF
Neurobiologia dos Sistemas Reflexos Visuais - UNICID
Neurociência e Comportamento - PUC-RJ
Neurociência e processos básicos em Psicologia - UFPE
Neurociências - USF
Neurociências e Comportamento - UENF
Neurociências e Comportamento - UFPA
Neurociências e Comportamento - UNB
Neuropsicolingüística Cognitiva Experimental - USP
NIAED - Núcleo de Informática Aplicado à Educação - IMES
Núcleo de Estudos de Comportamento, Cognição e Ensino (ECCE) - UFSCAR
Núcleo de Estudos de Motivação Acadêmica - UFSCAR
Núcleo de Estudos de Práticas Psicológicas em Contextos Clínicos Ampliados - MACKENZIE
Núcleo de Estudos em Análise do Comportamento e Prática Cultural AC PC - UNIVALE
Núcleo de Estudos em Literatura e Psicanálise – LIPSI – UFMG
Núcleo de Estudos para Prevenção da AIDS - NEPAIDS - USP
Núcleo de Pesquisa em Política e Gestão da Educação - UNB
Núcleo de Pesquisa em Política e Gestão da Educação Básica - UNB
Núcleo de Pesquisa em Psicologia - LAEC - UCG
Núcleo de Pesquisa em Psicologia (NUPPSI) - UTP
Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social e da Educação - UNAERP
Núcleo de Pesquisa em Psiquiatria Clínica e Psicopatologia - USP
Núcleo de Psicologia Comportamental e Comunitária - UNICASTELO
Núcleo de Psicopatologia na ótica da Psicoterapia Comportamental Cognitiva - MACKENZIE
Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ensino - NIPE - UFSCAR
Nutrição, Desenvolvimento e Comportamento - USP
Nuve – FMTM – FMTM
O Papel do Professor na Universidade Contemporânea à Luz da Análise do Discurso Pedagógico - MACKENZIE
PATH- Programa de Atendimento dos Transtornos do Humor - UNIFESP
Pesquisa Comportamental em Odontologia - UNICAMP
Pesquisas em Psicologia Pediátrica - USP
Planejamento e Avaliação do Ensino - UFS
Planejamento e avaliação do ensino - UFSCAR
Políticas de Educação Especial - USP
Políticas Públicas de Educação - UFMS
Políticas Públicas em Educação - UFMS
Portadores de Necessidades Educativas Especiais - UERJ
Práticas educativas e processos cognitivo-comportamentais no ensino e na aprendizagem - UNESP
Práticas sociais, condições de formação de sujeitos diferentes e propostas inclusivas - UNIMEP
Processos comportamentais em produção de conhecimento científico e em planejamento de ensino e de instituições - UFSCar
Processos de Desenvolvimento e de Aprendizagem - UFES
Processos de Saúde e Desenvolvimento Humano - UFES
Processos de Subjetivação e Contemporaneidade - PUC Minas
Processos Organizacionais - UFSCAR
Processos Perceptuais, Cognitivos e do Desenvolvimento - UTP - UTP
Processos Psicológicos e Saúde - UFES
Prodema-UFS - UFS
Prognóstico de Recém-Nascidos de Alto Risco - UNESP
Projeto Transtorno do Espectro Obsessivo-Compulsivo (PROTOC) - USP
Psicanálise, Subjetividade e Cultura - UFMG
Psicoetologia - USP
Psicofarmacologia - USP
Psicologia Clínica - UNIPAR
Psicologia Cognitiva: Criatividade - UFAM
Psicologia Comunitária e Medicina Comportamental - USP
Psicologia Construtivista e Educação - CONE - UNESP
Psicologia da Dor, Saúde e Adversidade - UNB
Psicologia da Saúde - FAMERP
Psicologia da Saúde e Psicossomática - UNESP

Psicologia do Idoso - UMC
Psicologia e Desenvolvimento Humano - UNIMEP
Psicologia e Educação - UNIT
Psicologia e Educação Superior - UNICAMP
Psicologia Experimental Animal e Humana: aspectos básicos e aplicados - UNESA
Psicologia, Educação e Trabalho - UFPR
Psicossomática e Psicologia Hospitalar - PUC/SP
Relações intergrupais, processos de exclusão/inclusão e contextos socio-culturais - UFES
Relações interpessoais e habilidades sociais - UFSCAR
Relações sociais, autocontrole e prevenção à saúde - UNIARARAS
Representações Sociais e Subjetividade - UNB
Representações, práticas socioculturais e processos de exclusão - UFES
Saúde Coletiva - UNIFOR
Saúde e Desenvolvimento Humano - UNB
Saúde Mental (Psiquiatria e Psicologia) - UNESP
Saúde Pública e Envelhecimento - USP
ser humano em desenvolvimento - PUC-PR
Sistemas Neurais e Comportamento - UNICAMP
Subjetividades e Práticas Educacionais - UNIVALI
Surdez - UNAERP
Surdocegueira Pós-Linguistica - ULBRA
Surdocegueira Pré-Lingüistica - ULBRA
Tecnologia Educacional - UFMT
Trabalho, Organização Social e Comunitária - UFSCAR
Tratamento e Prevenção Psicológica - UTP - UTP
Vitória Régia - UFMS

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo